

## Entrevista

### “É cedo para relaxar o distanciamento”

Secretário de Estado da Saúde, Geraldo Medeiros afirma que o pico da pandemia na Paraíba começará na segunda quinzena deste mês e reforça que isolamento social é o remédio eficaz contra a Covid-19. [Páginas 3 e 4](#)



Foto: Roberto Guedes

# Aplicativo desenvolvido na PB rastreia aglomerações

Criado em Monteiro, o 'Não Aglomerar' tem ajudado populações de vários municípios do NE a manter distanciamento. [Página 7](#)

## Diversidade

### GIRO NOS MUNICÍPIOS

Foto: Roberto Guedes



## Belezas naturais e muita cultura

Localizado no Litoral Sul da Paraíba, o município de Conde é famoso por belas praias, trilhas ecológicas e pela vocação para o setor turístico. [Página 16](#)

## Cultura



### Chega ao fim a saga de Pedro Jeremias

O livro 'Pedro Jeremias nos Cariris Novos' encerra a trilogia do cangaceiro criado pelo escritor Efigênio Moura. [Página 9](#)

Foto: Arquivo pessoal



### Trabalhar em casa exige disciplina e foco

Como têm se saído os profissionais que, por conta do isolamento social, trocaram o ambiente de trabalho pela atividade remota. [Página 7](#)

## Esportes

### Silvana sonha com o ouro em Tóquio

Medalha de ouro no Parapan-Americano, atleta paraibana conta seus planos para os jogos paralímpicos de 2021. [Página 12](#)

Foto: Ale Cabral/CPB



Editorial

## As mãos

As cenas de profissionais da medicina aplaudindo pacientes que, parcialmente curados da Covid-19, deixam as Unidades de Tratamento Intensivo, sinal de que irão sobreviver à doença, comovem pela mensagem adicional que tais imagens transmitem: um mundo de alegria, esperança e solidariedade.

A sociedade planetária vive uma situação de crise ainda difícil de mensurar, mas com certeza sem precedentes na história recente. O coronavírus continua infectando e matando pessoas, com maior ou menor velocidade, em vários países, perseguido pela ciência, que tenta encontrar um antídoto para ele.

O coronavírus segue quebrando paradigmas. O dinheiro, espécie de Atlas que sustenta o mundo sobre as costas, mostrou o quanto é vulnerável às forças microscópicas da natureza. E os poderosos também. Está aí o caso do primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, que não deixa o vírus mentir.

Voltando às cenas de médicos e médicas, enfermeiros e enfermeiras, bendizendo homens e mulheres que conservaram-se vivos após o ataque do coronavírus, que bom seria que este fosse o mundo pós-Covid-19: um mundo de pessoas contentes, sábias, criativas, altruístas, corajosas e trabalhadoras.

Um mundo onde todos cuidam de todos. E o grande fosso que separa os poucos ricos dos muitos pobres fosse preenchido com os destroços deixados pela era do co-

ronavírus: o egoísmo, a ganância, a mentira, o cinismo, a deslealdade, enfim, as velhas imperfeições humanas que enfeiam a sociedade planetária.

Um mundo de natureza nova. O ar límpido ofertando-se, gratuitamente, como sempre, a todos os pulmões. Os mares de águas claras; de peixes, crustáceos e algas desintoxicados do plástico e do petróleo. O céu de um azul reluzente, no qual flutuam blocos de água ou gelo condensado, sem vapores industriais.

Um mundo mais árvores que automóveis. Mais pássaros que drones. Mais répteis que trens-balas. Mais gente nas ruas que presa dentro de casa. Mais escolas e livrarias que presídios e hospitais. Mais silêncio que tiros e buzinas. Mais gentileza, enfim, que tantas reclamações e xingamentos.

Um mundo sem guerras, portanto, com menos padecimentos, seja por bomba, fome ou doenças. Um mundo de doces rebeldes andariços, e não de milhões de refugiados. De mais poetas que embusteiros. De mais médicos que impostores. De mais artistas, enfim, que mendigos, analfabetos, excluídos de toda sorte.

Que às mãos que gesticularam para os pacientes que sobreviveram ao coronavírus se juntem outras mãos; milhares de mãos, tão necessárias à transformação do mundo; à construção da sociedade nova pela qual tantos lutaram, ao longo da história, e não poucos ainda continuam sonhando.

Artigo **Martinho Moreira Franco**  
martinhomoreira.franco@bol.com.br

## Confusão bíblica

Quem não tem amor em tempos de cólera, vai de humor em tempos de corona vírus. Com votos de Feliz Páscoa, segue reprodução de duas historinhas para fazer companhia a vocês neste novo domingo de isolamento social:

Conta-se que certo matuto estava no seu trabalho rotineiro, num canavial, quando, de repente, viu brilhar três letras no céu: V-C-C. Muito religioso, julgou que aquelas letras significavam: "Vai! Cristo Chama!". Fiel à visão, correu ao pároco ds sua igreja e contou-lhe o ocorrido, concluindo que gostaria de dedicar o restante de sua vida à pregação do Evangelho. O pároco, surpreso diante do relato, ponderou:

- Mas, irmão, para pregar o Evangelho, é preciso conhecer a Bíblia. Você conhece a Bíblia o bastante para sair pelo mundo e pregar a sua mensagem?

- Claro que sim - respondeu, convicto, o homem.

- E qual é a parte da Bíblia que você mais gosta e conhece?

- As parábolas de Jesus, principalmente a do Bom Samaritano.

- Então, conte-a - pede o pároco, querendo conhecer o grau de conhecimento bíblico do futuro pregador do Evangelho.

O matuto começa a falar:  
- Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu entre os salteadores. E Ele lhes disse: "Varões irmãos, escutai-me: não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso vos dou". E entregou-lhes os seus bens, e a um deu cinco talentos, e a outro, dois, e a outro, um, a cada um segundo a sua capacidade. E, ao partir dali foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto, e tendo jejuado quarenta dias

///Acho que aquelas letras no céu tinham outro significado ///

e quarenta noites, teve fome, e os corvos alimento Lhe traziam, pois alimentava-se de gafanhoto e mel silvestre. E sucedeu

que, ao andar num carro de fogo, o ocultou da vista de todos. A rainha de Sabá viu aquilo e disse: "Não me contaram nem a metade". Depois disso, Ele foi até a casa de Jezabel, a mãe dos filhos de Zebedeu, e disse: "Tiveste cinco maridos, e o homem que agora tens não é teu marido". Ao olhar ao longe, viu Zaqueu pendurado pelos cabelos numa árvore e disse: "Desce daí, pois hoje almoçarei na tua casa". Veio Dalila e cortou-Lhe os cabelos, e os restos que sobraram foram doze cestos cheios para alimentar a multidão. Portanto, não andeis inquietos dizendo: "Que comeremos?", pois o vosso Pai celestial sabe que necessitais de todas essas coisas. E todos os que O ouviram se admiraram da Sua doutrina.

O matuto, entusiasmado, olhou para o pároco e perguntou:

- E, então, estou pronto para pregar o Evangelho?

- Olha, meu filho - disse o pastor - eu acho que aquelas letras no céu não significavam: "Vai! Cristo Chama!". Antes, deveriam ser lidas: "Vai Cortar Cana!"

### PELO-SINAL

Outro matuto católico, apostólico, romano, confessou com o padre e este, após ouvir todos os seus pecados, opôs-se:

- Meu filho, agora você se arrepende e se benze como todos fazem na missa após o Evangelho. Você sabe fazer esse pelo-sinal, não sabe?

- Ô, seu padre, saber as palavra eu sei. Só num sei é espaia elas.

CONTATOS: uniao.govpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

## FELIZ PÁSCOA!



Domingos Sávio  
savio\_fel@hotmail.com

Humor

## UN Informe

Ricco Farias  
papiroeletronico@hotmail.com

### O DEMOCRATAS E O CLÁ BOLSONARO: BELIGERÂNCIA À VISTA

A queda de braço entre o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) e o ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta (foto), filiado ao Democratas, vai, certamente, gerar repercussões políticas futuras — continue ele ou não na pasta, que tem sido, por motivos óbvios, o principal reduto de decisões no enfrentamento da pandemia do coronavírus.



Foto: Divulgação

Se antes dessa crise o Democratas vivia em lua de mel, digamos assim, com o governo, em que pese ter ocorrido uma tensão aqui e acolá, agora existe uma beligerância explícita de ambos os lados, especialmente por parte de Bolsonaro, que não tem poupado críticas contundentes a várias lideranças do partido, entre as quais os presidentes do Senado e da Câmara dos Deputados, respectivamente Davi Alcolumbre e Rodrigo Maia, assim como ao presidente nacional do partido, o prefeito de Salvador, ACM Neto. É fato que o Democratas tem pé e mão dentro do governo — além de Mandetta, ocupa o Ministério da Agricultura, com Tereza Cristina, e o da Cidadania, com Onyx Lorenzoni. Mas o vazamento de áudio em que Lorenzoni supostamente conspira para derrubar o correligionário Mandetta, com o apoio do deputado Osmar Terra (MDB), só agravou a relação entre governo e Democratas. Dentro do partido, há quem defenda o nome de Mandetta como candidato a presidente da República, em 2022. E isso tem incomodado o clá Bolsonaro.

### LÍDER PREVÊ PROBLEMAS

Líder do Democratas na Câmara Federal, Efraim Filho foi cauteloso ao analisar essa suposta trama para derrubar Luiz Henrique Mandetta. Mas vislumbra que esse tipo de situação provoca "ruído péssimo" dentro da bancada que, de acordo com ele, estava firme e forte na defesa do trabalho do ministro da Saúde. Pelo visto, menos Onyx Lorenzoni.

### MUITA INFLUÊNCIA

Nem quando ainda se chamava PFL e tinha influência nos governos de José Sarney e Fernando Henrique Cardoso, o Democratas alcançou tanta musculatura política numa gestão como agora, quando comanda o Senado, a Câmara Federal e ainda três ministérios. Nos governos do PT, o Democratas minguou, digamos assim, até alcançar o poderio político na gestão Bolsonaro.

### O ACORDO

Do vice-prefeito de Campina Grande, Enivaldo Ribeiro (PP), dando a entender que o partido já estaria firmando acordo com o prefeito Romero Rodrigues (PSD) para indicar, novamente, o candidato a vice-prefeito na chapa governista. "Vai haver um acordo, existe uma grande integração entre nós, estamos unidos", afirmou numa emissora de rádio da cidade. O neto dele, Lucas Ribeiro, deverá ser o indicado.

### PRODUTIVIDADE

Seguindo orientações da Presidência do TJPB, no sentido de adotar o trabalho remoto emergencial e manter a prestação jurisdicional em dia, a Comarca de Patos tem dado conta da produtividade por meio da atuação de magistrados e servidores. As sete Varas Mistas e os dois Juizados Especiais prolataram 833 sentenças, desde que foi deflagrado o período do distanciamento social por conta da pandeida do coronavírus.

### PLATAFORMA

A EBSCO, biblioteca parceira do Uniesp, irá promover diversas discussões online por meio de sua plataforma. Entre os temas abordados por especialistas, estão o aprendizado dos meios eletrônicos, organização de estudos, estratégias de ensino a distância, entre outros. Para se inscrever em algumas das palestras por videoconferência, basta acessar o link: <https://bit.ly/ebescoacesso>

### O DESTINO FOI GENEROSO COM O DEMOCRATAS, A PARTIR DE 2018

O destino do Democratas poderia ter sido traçado por um filiado apaixonado, tamanha foram as boas surpresas que ocorreram, a partir de 2018, e que levaram a legenda a alcançar um patamar decisório na gestão Bolsonaro. Provas disso? Mandetta sequer disputou novo mandato de deputado, mas foi alçado à condição de ministro. Tereza Cristina entrou no partido no ano da eleição presidencial e tornou-se ministra — também por ser líder da bancada ruralista, que estava no foco de interesses do presidente. E Davi Alcolumbre, até então um senador quase que desconhecido, venceu a eleição para a Presidência do Senado — após surgir como um 'azarão', usando um termo caro às disputas do turfe.

### SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

**Naná Garcez de Castro Dória**  
DIRETORA PRESIDENTE

**William Costa**  
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

**Alblegê Léa Fernandes**  
DIRETORA DE RÁDIO E TV

**A UNIÃO**  
Uma publicação da EPC  
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

**André Cananéa**  
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

**Renata Ferreira**  
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509  
E-mail: [circulacao@epc.pb.gov.br](mailto:circulacao@epc.pb.gov.br) (Assinaturas)

OUIVORIA: 99143-6762  
ASSINATURAS: Anual .... R\$200,00 / Semestral .... R\$100,00 / Número Atrasado .... R\$3,00

CONTATOS: [redacao@epc.pb.gov.br](mailto:redacao@epc.pb.gov.br)

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

## Geraldo Medeiros

Secretário de Estado de Saúde

# “Ainda é cedo para relaxar com o distanciamento social”

Reponsável pela estratégia contra o coronavírus na Paraíba, ele reforça que é preciso que as pessoas “fiquem em casa”

**Rammom Monte**  
rammom511@hotmail.com

O mundo inteiro luta hoje contra a pandemia causada pelo novo coronavírus. Na linha de frente, estão os profissionais de saúde. Mas, eles precisam de um direcionamento para saber como se portar em determinadas questões. E é neste momento que aparecem as figuras dos gestores da área. Ministros, diretores e secretários estaduais e municipais são responsáveis por coordenar as ações em suas localidades.

Na Paraíba, o responsável é o secretário estadual de Saúde, Geraldo Medeiros. A reportagem conversou com ele para saber quais são as principais medidas já adotadas pelo Estado de forma a conter o avanço do vírus, o que tem sido feito para amenizar o problema, e ainda o que se pode esperar do futuro.

A entrevista foi concedida antes do anúncio do governo do Estado de que alugará o antigo Hospital Santa Paula, com mais 150 leitos para atendimento dos casos da Covid-19.

### A entrevista

**- Quais são as principais medidas que o governo do Estado está adotando no combate ao coronavírus?**

- O governo do Estado, desde o dia 27 de fevereiro, vem elabo-



Geraldo Medeiros ressalta que a previsão é que haja aumento de casos de Covid-19 a partir da segunda quinzena deste mês

borando programa com planejamento e edificação de estruturas que permitam a ampliação no número de leitos para o atendimento às vítimas do coronavírus. Está sendo edificado para a próxima

semana o Hospital Solidário, no estacionamento do Hospital Metropolitano, com previsão de 130 leitos, podendo ampliar para 200 leitos. Temos o Hospital Clementino Fraga com 16 leitos de UTI. Temos também em Campina Grande

“Estamos vendo um número maior de pessoas nas ruas... Isto é muito preocupante, porque teremos o reflexo daqui a 15 dias quando teremos um aumento de casos e de mortes.”

o Hospital Pedro I e o Hospital de Emergência e Trauma e o Hospital Universitário Alcides Carneiro. Aqui em João Pessoa, temos o Hospital Universitário Lauro Wanderley, que vai atender crianças que necessitem internação hospitalar. Em Patos, temos dois leitos com respiradores para atender as possíveis vítimas do Sertão e Alto Sertão, que serão removidas para Campina Grande, porque nós teremos Centro de Referências Clínicas em Campina Grande e em João Pessoa. Isso para pacientes graves, que representam 5% nos casos de coronavírus, porque 85% dos casos são tratados em casa,

10% em enfermaria e isolamento, e 5% são graves, com cuidados específicos. Estes têm uma taxa de mortalidade alta. Então, estes pacientes do Sertão e Alto Sertão que forem graves serão transferido para Campina Grande, como já fazemos com pacientes vítimas de politraumatismo em acidentes.

**- Temos quantos leitos disponíveis na Paraíba?**

- Temos 60 leitos de UTI no Sertão e Alto Sertão, temos 20 leitos de UTI no Hospital Metropolitano e temos leitos de UTI que estão sendo habilitados; no Hospital Pedro I temos 20 leitos de UTI, no Hospital Alcides Carneiro, temos 12 leitos de UTI, no Hospital de Emergência e Trauma temos 20 leitos. A rede hospitalar está montada para pacientes com coronavírus.

**- Além disso, outras medidas foram tomadas, como barreiras sanitárias, proibição de certas atitudes, como carreatas e passeatas... É uma série de medidas que juntas ajudam neste combate, não é?**

- O decreto governamental enumera todas as medidas que foram tomadas no sentido de isolamento social, porque a melhor maneira de diminuirmos o número de casos e de mortes é com as pessoas ficando em suas casas.

**- Como está a perspectiva da SES para as próximas semanas aqui na Paraíba?**

- Há uma previsão de aumento no número de casos a partir da segunda quinzena de abril e primeira quinzena de maio. O Estado está pronto para lidar com este possível aumento quantitativo do número de casos. Temos também os hospitais privados com leitos de enfermaria e também leitos de UTI. Como esta doença começou nas classes A e B, a tendência foi um percentual grande de pacientes se internarem em hospitais privados.

**- Isto é bom ou ruim?**

- Isto é bom porque aumenta a rede hospitalar do Estado, com quantitativo de leitos adequados e complementando para aqueles usuários da rede pública, pulverizando o atendimento.

**- Alguns estados estão preocupados em relação a um possível colapso na rede hospitalar. A gente sofre este risco?**

- Depende de como a população se portar em relação ao isolamento social. Notei que nas últimas 48 horas ela está relaxando, estamos vendo um número maior de pessoas nas ruas, a orla marítima com muita gente caminhando. Isto é muito preocupante, porque teremos o reflexo daqui a 15 dias quando teremos um aumento de casos e de mortes.



Foto: Roberto Guedes

Montagem do Hospital Solidário no estacionamento do Hospital Metropolitano, em Santa Rita

## Continuação

Fotos: Roberto Guedes

- Por que ainda não caiu as fichas das pessoas?

- Isto é inerente ao ser humano. Esta insensatez não é exclusiva do Brasil. Vimos na Itália, outros países da Europa, com a polícia tendo que mandar as pessoas para casa. E é isto que o governo estadual poderá ter que fazer no sentido de inibir a circulação de pessoas e, conseqüentemente, a circulação viral, reduzindo o número de casos e de mortes.

- Esta semana tivemos mais um episódio na briga entre o ministro da Saúde e o Presidente da República. Como todo este imbróglio afeta a Paraíba?

- Este é um momento para estarmos unidos. No sentido de combater o coronavírus. As divergências políticas e pessoais devem ser deletadas.

- Mas isto atrapalha?

- O ministro e sua equipe continuam dando assistência aos secretários de Saúde em todo Brasil e estamos em consonância com o ministro.

- Outro tema que se fala muito é o uso da hidroxocloroquina. Como o senhor enxerga este debate e qual é sua opinião?

- A hidroxocloroquina é uma droga que, em alguns casos, os pacientes têm se referido a uma melhora após o uso dela. Ela já está sendo utilizada, aqui na Paraíba está sendo, no Brasil inteiro, mesmo que por decisão própria dos médicos. Tem tido seus efeitos e beneficiado os pacientes. Claro que tem que ser prescrito pelo médico.

-Ao mesmo tempo há relatos de efeitos colaterais. Ainda é cedo para já estar usando esta droga?

- No ponto de vista de análise da evidência científica, seria cedo, mas não temos tempo para esperar diante de uma doença tão grave como o coronavírus. A tendência é este uso se intensificar e expandir para outras indicações. Antes era só para pacientes graves, em UTI.

- O governo federal decidiu que a partir da segunda-feira (13) vai haver um relaxamento em relação ao distanciamento social, permitindo que localidades que não tiveram ultrapassado o percentual de 50% de ocupação dos serviços de saúde possam iniciar uma transição para um formato onde apenas alguns grupos fiquem em isolamento. O que o senhor acha disso?

- Acho que é cedo, visto que alguns estados do Brasil atingirão o pico em duas semanas ou mais. É importante manter o isolamento social.

- As secretarias já receberam alguma indicação sobre isto?

- Ainda não recebemos nada oficial.

- Podemos dizer que estamos vivendo um momento histórico? Como foi com a gripe espanhola ou outras pestes do tipo?

- É uma pandemia que criou um pânico generalizado na população, e com razão, porque o vírus tem o poder de transmissibilidade muito alto, apesar de uma baixa letalidade, menor que H1N1, a MERS, que tinha a letalidade de 34%, mas não tinha este grau de transmissibilidade. Mesmo tendo uma baixa letalidade, a tendência é, em números absolutos, matar mais gente devido ao grande número de pessoas que são acometidas pelo vírus. Esta é a diferença. Mas não como a gripe espanhola que foram 100 milhões de pessoas, isto não ocorrerá.

- Agora a pergunta é para a pessoa Geraldo Medeiros, não o secretário. Como é estar à frente, sendo uma das principais pessoas no combate ao vírus aqui na Paraíba? Como o senhor se sente?

- Este é um momento que nós, que somos cirurgiões do Trauma há 40 anos, que enfrentamos no dia a dia um contato contínuo com a morte, talvez tenhamos um pouco mais de facilidade de encarar. Mas encaramos com humildade e muito trabalho 24 horas por dia, para ter um desempenho adequado diante disto.

- Mas consegue desligar em algum momento?

- Realmente é uma carga de estresse acentuado, não desligamos até quando chegamos em casa. Durmo meia-noite, acordo às 5h; já dormimos e acordamos pensando o que pode fazer a mais pela saúde, pelos paraibanos.

/// É uma pandemia que criou um pânico generalizado na população, e com razão, porque o vírus tem o poder de transmissão muito alto. ///

- Quando podemos voltar à normalidade? Ou esta normalidade não haverá mais?

- Pelas previsões eu acredito que no final de julho, começo de agosto, tenhamos o retorno às atividades normais e voltar à vida que tínhamos antes.

- E para finalizar, qual a mensagem que o senhor deixa para os paraibanos neste momento tão difícil?

- A mensagem é a que todos já conhecem: fiquem em casa. Tenham paciência por mais um mês e meio, dois meses, para que nós tenhamos menos mortes de paraibanos.

Geraldo Medeiros afirma que é um momento que necessita de união e que as medidas tomadas visam reduzir o número de casos e de morte pela Covid-19



Foto: Marcus Antônio

Secretário ressalta a necessidade das pessoas evitarem aglomerações e procurarem se proteger para evitar novos casos da doença.





# Páscoa invoca reflexão do renascimento e esperança



Para representantes de segmentos cristãos, isolamento propõe um período pascal introspectivo e solidário

**Laura Luna**  
lauraragao@gmail.com

Uma Páscoa diferente de todas as outras. Sem celebração presencial, procissão ou qualquer outro tipo de reunião. Nem os tradicionais espetáculos que apresentam paixão, morte e ressurreição de Cristo puderam ser encenados. A pandemia causada pelo coronavírus alterou a dinâmica de um dos momentos mais especiais do ano para o calendário cristão.

O Vigário Geral da Arquidiocese da Paraíba, Padre Luiz Junior, acredita que essa está sendo uma Páscoa mais santa, onde a conjuntura tem feito as pessoas se voltarem mais para Deus. O líder religioso lembra que as celebrações com as igrejas vazias sugerem uma reflexão, importante de ser feita por cada cristão.

“Tantas vezes que tivemos a oportunidade de celebrar a Páscoa com a nossa família e a nossa igreja e não o fizemos, transformando a nossa Semana Santa em um feriadão, e agora essa graça nos foi tirada por imposição das circunstâncias”. O padre Luiz Junior diz ainda que Deus não quer o mal dos seus filhos e filhas, mas que na sua infinita misericórdia pode usar de situações adversas para proporcionar boas lições. “O ditado diz que só damos valor as coisas quando perdemos. A lição maior é perceber que dinheiro e poder não é tudo, devemos buscar o essencial ao invés do superficial”. “É o núcleo da fé cristã. Nós cremos que Cristo está vivo e presente no meio de nós, caminhando conosco as estradas da nossa vida. Jesus venceu a morte e com ele somos mais que vencedores”, fala sobre a celebração deste domingo.

A conjuntura tem feito as pessoas se voltarem mais para Deus. Traz uma reflexão, importante de ser feita por cada cristão



Padre Luiz Junior acredita que esta Páscoa está sendo a mais santa

## Tempo de solidariedade

O presidente da Federação Espírita da Paraíba, Marco Lima, explica que apesar de Cristãos os praticantes do espiritismo não têm nenhuma liturgia em relação à Páscoa, ou seja, fica a critério de cada família reunir-se ou não. Para o entrevistado a principal mensagem da data, que deve ser lembrada e praticada durante todo o ano, é a mensagem da solidariedade e do amor.

“Importante que a cristandade contextualize o amor de Cristo e o seu sacrifício pela humanidade e entenda que a morte é a passagem para a verdadeira vida, a vida espiritual, e que os testemunhos dolorosos são necessários para o nosso crescimento. O fato de estarmos vivendo uma pandemia certamente nos faz resgatar o sentido real da Páscoa, de sermos solidários à dor do outro”, disse.



Para o Espiritismo, a Páscoa deve acontecer todos os dias, com muito amor

### SÍMBOLOS DA PÁSCOA

■ **Celebrada primeiro pelos judeus, a Páscoa comemorava a libertação desse povo da escravidão do Egito. “Deus ouve o clamor e vem para libertá-los, passando da escravidão para uma vida nova”, explica o Padre Luiz Junior, Vigário Geral da Arquidiocese da Paraíba. Tempos depois, o próprio Cristo ressignifica o sentido da data. “Aquilo que para os antigos era a celebração da escravidão para a terra prometida, para nós cristãos é a passagem da morte para a vida”.**

A Páscoa é, no entanto, composta de signos que reforçam conceitos, ajudam a contar a história e também aquecem o comércio. “Nós somos seres simbólicos e esses símbolos nos remetem a uma realidade que vai além deles”, explica o Padre Luiz Junior.

■ **Círio Pascal (vela branca)**  
A própria luz de Cristo que vence as trevas

■ **Ovo de Páscoa**  
Vida e o nascimento. Representa as boas novas da ressurreição de Cristo

■ **Coelho da Páscoa**  
Fertilidade e a esperança

■ **Pão**  
Representa o corpo de Jesus

■ **Vinho ou suco de uva**  
Representa o sangue de Jesus

■ **Peixe**  
Do grego, a palavra peixe “Ichthys” é um ideograma da frase “IesousChristosTheouYiosSoter”, que significa “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador

## + Olhares se voltam para dentro

O Pastor Presidente da Primeira Igreja Batista de João Pessoa, Estevam Fernandes, explica que esse é o momento de celebrar a singularidade do cristianismo que é a esperança em Jesus Cristo. “É isso que a data representa, a mensagem de liberdade, ressurreição e esperança”. Sobre o momento de reclusão, o entrevistado afirma que é propício para que as famílias estejam unidas em amor e perdoem-se mutuamente.

“Vale o questionamento sobre que vírus contaminou a nossa família para que haja desamor, separação, egoísmo, brigas e tantas coisas ruins. A família

deve se perguntar se Cristo, de fato, ressuscitou naquela casa”, sugere. O pastor também acredita que é possível, e necessário, tirar boas lições desse momento. “Lidar com os nossos medos e rever as prioridades da vida, são alguns dos muitos aprendizados. Quantas coisas fazíamos no dia a dia que não tinham nenhum sentido, o que é importante e quem é importante?”, questiona.



Para Pastor Estevam Fernandes, data remete à esperança e, no momento atual, ao sentido que se está dando a coisas antes sem importância

## Isolamento acentua afetividade

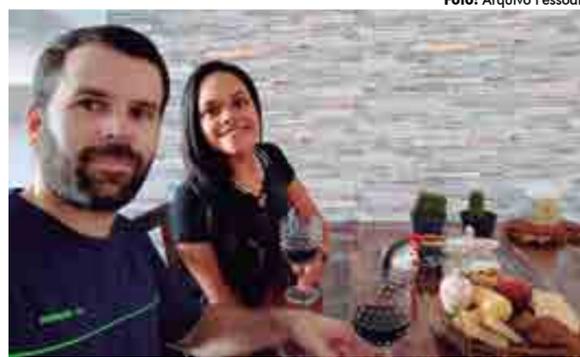
Domingo de Páscoa. Depois de todo o sofrimento da crucificação e morte, Jesus ressuscita. Para os cristãos esse é um dos momentos mais significativos da história do filho de Deus, motivo de fé e esperança reforçado pelas palavras do apóstolo Paulo, contidas na bíblia, em I Coríntios 15:14: “E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé”. Para os que proferem essa fé, a reunião no dia de hoje significa mais que um momento em família, é a celebração do cumprimento da promessa de Deus para os seus filhos e filhas. Em torno da mesa, orações são feitas. O pão e o vinho, simbolizando o corpo e o sangue de Cristo, somam-se aos peixes e ovos de chocolate, geralmente distribuídos nesse momento. Abraços, sorrisos, agradecimento. Mas esse não é o cenário de hoje, quando se tem um Domingo de Páscoa diferente de todos os outros.

O professor Eudo Augusto deveria estar na casa dos pais, comemorando junto às irmãs e esposa. O almoço em família, no Domingo de Páscoa, foi sempre marcado por muita alegria e pratos saborosos e até ano passado, costumava se estender para o

fim da tarde. “Geralmente peixe ou um bacalhau acebolado que minha mãe faz e que é uma das especialidades dela”, conta. Com pais idosos e hipertensos, Eudo está certo de que este tempo não é propício para reuniões. Em quarentena desde o dia 18 de março, quando as aulas foram paralisadas, o entrevistado explica que só saiu de casa uma única vez para comprar alimento. “O isolamento é necessário e independe do período, se fosse Natal, Reveillon ou qualquer outro momento a gente teria que estar em casa do mesmo jeito. Precisamos desse afastamento agora para que em breve a gente possa estar junto”.

A esposa e também pro-

fessora, Erika Melo, concorda e afirma que as mudanças em tempos de pandemia não alteram o sentido da data. “Mais do que nunca o domingo de páscoa deve celebrar a renovação da nossa esperança, a fé, a solidariedade e o amor. Foi esse o ensinamento que Cristo nos deixou ao morrer por nós e ressuscitar”. Sobre estar fisicamente longe da família no dia em que se encerra a Páscoa, a entrevistada acrescenta: “Apesar de estarmos fisicamente distantes acredito que nunca estivemos tão perto emocionalmente, repensando valores e atitudes, como nos propõem os ensinamentos de Cristo”.



Eudo Augusto e Erika Melo: tempo pascal longe dos entes queridos

# Aplicativo identifica lugares que estão com aglomeração

Criado no município de Monteiro, o 'Não Aglomere' vem sendo usado pela população de várias cidades do Nordeste

**Juliana Cavalcanti**  
Especial para A União

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS) recomendam que as aglomerações sejam evitadas ao máximo a fim de prevenir a contaminação e o contágio pelo novo coronavírus, que causa a Covid-19. Inclusive, o isolamento social tem sido defendido como um dos principais métodos de prevenção. Atentos a esta realidade, três formandos e uma estudante do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) Campus Monteiro desenvolveram um aplicativo para ajudar a população no enfrentamento da pandemia.

O "Não Aglomere" é uma ferramenta que informa como está a movimentação de pessoas nos estabelecimentos comerciais que permanecerem abertos, divulgando entre os interessados, quais estariam lotados ou não. A missão da plataforma é alertar o público sobre as aglomerações em diversos ambientes.

De acordo com o egresso do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas do IFPB e um dos responsáveis pela criação do aplicativo, Jadson Souza, a ideia para o "Não Aglomere" surgiu a par-



Foto: Arquivo Pessoal

Thácio Maikon, Natasha Lima, Lucas Tomé e Jadson Souza são os idealizadores do aplicativo, que surgiu da ideia de avisar pessoas sobre estabelecimentos que estão lotados

tir de suas observações sobre o crescente movimento nos estabelecimentos comerciais, ainda abertos, por se tratarem de serviços essenciais (supermercados e farmácias, por exemplo).

Em um dos supermercados da cidade de Monteiro,

o analista presenciou uma fila, se formando do lado de fora, tentando evitar uma aglomeração de clientes, no interior do prédio. "A criação foi depois de uma das minhas idas ao mercado onde, para evitar aglomerações, criaram uma fila na frente do merca-

do. Não foi eficiente, pois a aglomeração só mudou de lugar. Foi aí que surgiu a ideia: criar um aplicativo onde as pessoas pudessem consultar o fluxo de pessoas nos estabelecimentos como também elas poderem atualizar esse fluxo", conta.

Ele acrescenta que a proposta da plataforma é evitar que os cidadãos fossem aos locais aglomerados e, a partir daí, talvez optassem por outros espaços, além de manter os usuários com a maior quantidade de informações reais. Com isso,

ele e os outros desenvolvedores esperam que o "Não Aglomere", de alguma forma, atraia ainda mais a atenção da população, contribuindo, assim, na redução do contágio desse vírus que está modificando o cotidiano em todo o planeta.

## O 'Não Aglomere' é simples para baixar e é atualizado pelos usuários

Para que o "Não Aglomere" mostre a movimentação nos estabelecimentos abertos é necessário cadastrar essa empresa fornecendo dados como nome, endereço, ramo do comércio, entre outras informações. Depois, os usuários da plataforma enviam atualizações sobre a situação atual daquele ambiente, avisando se há muitas pessoas ou não.

O aplicativo pode ser obtido, utilizando o navegador do celular, acessando o site

<https://www.naoaglomere.com.br>. Ao entrar aparecerá um botão "Usar a Ferramenta". Após instalado, deve-se clicar em "começar". Depois, selecione sua localidade (Estado e Cidade), a categoria do comércio e será exibido uma lista com todos os comércios cadastrados até o momento com seus devidos fluxos de pessoas (baixo, médio ou alto). Se o usuário decidir atualizar o status do estabelecimento, basta clicar em "não está mais assim",

no qual parecerá um diálogo onde ele poderá informar.

Segundo o analista, o app utiliza uma tecnologia mais nova (PWA) que não necessita estar em lojas de aplicativo (Play Store ou AppStore) para ser instalado. O site também oferece várias informações sobre a Covid-19 e pelo mesmo portal é possível ainda realizar doações, para ajudar a manter a plataforma no ar e os serviços funcionando adequadamente.



Quer conhecer e baixar o aplicativo 'Não Aglomere'? Basta fazer a leitura, com o celular, do QR Code acima.

Foto: Edson Matos

Para que as informações do aplicativo estejam atualizadas, ele depende da colaboração de voluntários para informar a situação das empresas em que se encontram. "O usuário poderá também sugerir estabelecimentos para serem monitorados, indo até o fim da página na categoria desejada e clicando no último botão. Da mesma aparecerá um diálogo onde ele poderá dizer o nome do estabelecimento", completou o analista.

Além de Jadson Souza, o formando de Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS), Lucas Tomé, o egresso do curso de Construção de Edifícios, Thácio Maikon e a estudante de ADS, Natasha Lima também participaram da construção da plataforma que hoje conta com mais de 700 de estabelecimentos cadastrados e mais de 6000 usuários ativos. O "Não Aglomere" já chegou a ter mais de 1000 acessos em um único dia.

Os estabelecimentos estão espalhados principalmente por algumas cidades do Nordeste, tais como João Pessoa, Campina Grande, Recife, Natal e os Estados da Paraíba e Pernambuco estão entre os locais que possuem mais usuários. "Atualmente temos um pouco menos que 1000 requisições de atualização de fluxo de pessoas. Esses dados justificam nosso otimismo com o aplicativo. Está funcionando em quase todo o território nacional", concluiu o analista de sistemas.



Ao acessar o app, usuário visualiza os critérios "alto, médio e baixo", que dizem respeito à quantidade de consumidores que estão em determinados estabelecimentos comerciais

# Como manter produtividade em tempos de 'home office'

Pandemia de coronavírus impôs para muitos profissionais em isolamento social o trabalho no modo remoto

**Dina Melo**  
dinapereirademelo@gmail.com

Conciliar as atividades profissionais com os afazeres domésticos e a solidão entre quatro paredes têm sido um desafio e tanto para milhões de trabalhadores que, de repente, subverteram a rotina em razão da Covid-19. Para quem enxergava a casa apenas como descanso ou refúgio dos problemas do mundo, eis a hora de repensar os hábitos e disciplinar-se para manter a produtividade. Isso porque o isolamento social imposto pelo novo coronavírus fez com que parte significativa dos trabalhadores incorporasse na prática o conceito do trabalho de casa ou o home office. É hora, então, de adaptar-se.

“Trabalhar em casa é mais exigente do que a maioria das pessoas pensa”, constata o psicólogo Antonio Luiz da Silva. Ele elaborou uma espécie de manual prático para atravessar a quarentena de forma mais leve e organi-

zada: “É preciso criar uma rotina com horários regulares para a realização de cada tarefa. Fazer uma lista de afazeres a cada dia (sem adiá-los), criar intervalos de meia ou, no máximo, uma hora no seu cumprimento e alternar atividades, como cuidar de plantas ou do cachorro. Para quem pode, reserve horários específicos para as redes sociais. Coma pouco e opte por um cardápio leve. Pratique alongamento e caminhe em casa. Tudo isso ajuda a arejar a mente”.

Esta quebra do ritmo, somada às antigas cobranças da vida lá fora e ao temor de se contaminar (alimentado pelo bombardeio de informações) provoca, sim, ansiedade e angústia. Lukas Delfino, 23, estuda pela manhã numa faculdade particular e estagia à tarde num escritório de arquitetura.

Quando ao trabalho remoto, ele diz que consegue administrar com flexibilidade, com reuniões semanais pela internet e contatos entre os colegas via grupo de WhatsApp.



Foto: Arquivo Pessoal

O estudante Lukas Delfino (E) fala que tem algumas dificuldades no estudo e o psicólogo Antônio Luiz (D) afirma que modo remoto requer cuidados

“Já com o curso não estou conseguindo. Um trabalho acadêmico que demora-



Foto: Arquivo Pessoal

ria cerca de dez minutos para dar conta presencialmente está custando uma hora ou mais a distância. Enquanto isso, os prazos correm sem alívio. Isso nos desgasta mui-

to, ainda mais para quem está fragilizado emocionalmente”, lamenta.



## Trabalhar em casa exige mais disciplina e foco

O trabalho em home office exige disciplina. Muitas vezes o fato de se estar trabalhando em casa oferece várias oportunidades para que se perca o foco. A televisão ligada, os vários grupos de troca de mensagens por aplicativos, a ânsia por responder, inclusive, demandas do trabalho. Quando não se exercita um pouco de disciplina, sobretudo em tempos de isolamento, o risco de perder tempo e produtividade aumenta.

É o que aponta o funcionário de Tecnologia da Informação, Luis Machado, acrescentando que todos os instrumentos e ferramentas que já são usados no dia a dia devem ser otimizados neste período. “Todos nós já usamos, de uma forma ou outra, as ferramentas e aplicativos. O importante agora é fazer um bom uso do que já temos em mãos para que o trabalho flua. Este cuidado deve ser dobrado, pois na maioria das vezes se está trabalhando em equipe. Por isso o foco é importante neste processo de coletividade”, falou.

O profissional dá algumas dicas, como por exemplo, as reuniões por vídeo-conferência. “Antes de iniciar uma reunião deste tipo é necessário fazer uma pauta com antecedência para garantir objetividade e ganhar tempo. Sem um direcionamento, a reunião pode demorar mais do que o necessário. Assim as pessoas que vão participar já sabem o rumo da reunião e o que podem agregar”, afirmou.

Para quem ainda não tem familiaridade com o estilo remoto de trabalho, as dificuldades costumam ser maiores. “Ainda mais quando se tem crianças em casa e afazeres domésticos, que infelizmente ainda ficam muito a cargo das mulheres”, comentou. Neste caso, acrescenta, é importante definir o horário do expediente remoto e distribuir as tarefas cotidianas do lar.



Foto: Pixabay

Ferramentas do dia a dia devem ser otimizadas para os serviços realizados no modo remoto

### DICAS SOBRE O TRABALHO REMOTO

- Faça alongamento antes, durante e ao fim do expediente remoto
- Faça uma lista de tarefas que precisam ser cumpridas no trabalho. Ao final verifique se faltou algo ou não
- Tente não adiar tarefas para não acumular depois
- Tente seguir sua carga horária de trabalho
- Escolha um lugar confortável e fixo para este período. Não transforme o quarto de dormir no escritório
- Evite distrações, como aparelhos ligados
- Matenha-se atento ao tempo que dedica a redes sociais
- Hidrate-se. Água é importante
- Distribua tarefas domésticas
- Em reuniões virtuais, mantenha objetividade
- Faça um intervalo para comer algo leve
- Lembre-se de limpar adequadamente os equipamentos e o lugar onde for realizar o trabalho remoto

## Rendimento é melhor

Desde 17 de março em casa, o intérprete de Libras e coordenador do Comitê de Inclusão e Acessibilidade da UFPB, Rafael Monteiro, administra com tranquilidade as demandas remotamente – e vê mais vantagens no novo formato.

“O home office não me atrapalha, pelo contrário. A ausência de interrupções, das conversas paralelas, fazem com que eu renda melhor”, compara. Metódico, diz como organiza a agenda.

“Para todos os dias, cumpro um determinado checklist. Para alguns procedimentos é necessária a ajuda da equipe; para outros, de caráter administrativo, não”.

A demanda segue exigente. Seiscentos e setenta deficientes e 150 alunos que lhes prestam apoio dos quatro campi da universidade estão cadastrados no comitê. Atendimentos aos alunos, bolsas, emissões de termos e certificados, defesas de conclusão de curso, tudo agora é feito pela internet e respei-

tando o cronograma. “A pandemia nos fez pensar num novo modo de configuração de trabalho”, considera.

“O isolamento nos fez abrir os olhos para a gratuidade das coisas que nos negávamos a ver. Brincar com as crianças, rir com os amigos ou parentes em vídeo-chamadas, desacelerar, ouvir os mais velhos. É preciso não enlouquecer. A humanidade já viveu várias pandemias; esta é mais uma. Redobramos os cuidados agora para nos encontrar e comemorar depois”, disse.

Sem ser interrompido e sem conversas paralelas e com uma lista de tarefas, intérprete de Libras conta que seu trabalho tem melhor produtividade

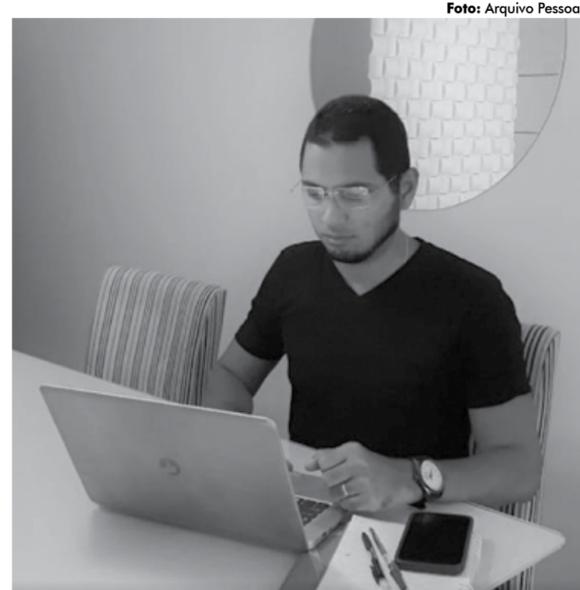


Foto: Arquivo Pessoal

Rafael Monteiro afirma que consegue cumprir tarefas com tranquilidade

# Startup desenvolverá motos com tecnologia brasileira

Projeto da paraibana Elmo dispensa uso de peças importadas e já tem futuro focado no desenvolvimento sustentável

**Márcia Dementshuk**  
Especial para A União



A startup paraibana Elmo - Electric Motors irá desenvolver nos próximos meses uma moto elétrica com tecnologia totalmente nacional. Já existem algumas rodando no Brasil, as mais comuns são os modelos "scooter", montadas com peças importadas. O projeto da Elmo prevê usar tecnologia desenvolvida na "terra brasilis", inclusive o motor - item sempre trazido de fora, normalmente da China.

Mesmo jovens, com idades entre os 22 e os 26 anos, os três sócios-fundadores da Elmo vislumbram uma longa estrada quando olham pelo retrovisor. Antônio Félix e Renato Fonseca fazem Engenharia Mecânica e Felipe Fauze, Engenharia Elétrica, todos na Universidade Federal da Paraíba. Desde o ingresso nos cursos, há cerca de quatro ou cinco anos, eles se integraram ao Fórmula-E UFPB, coordenado pelo professor Dr. Euler Cássio Tavares de Macêdo. O Fórmula-E nasceu em 2014 com o propósito de desenvolver no estudante o conhecimento em mobilidade elétrica. Faz parte da maior competição a nível mundial da área estudantil, organizada pela Fórmula SAE, sendo uma oportunidade para os estudantes de graduação se especializarem.

Renato se tornou "expert" em suspensão. Ele coordenou a equipe responsável pelo me-



Fotos: Divulgação

companhia de energia ENEL que convidou-os para construir quatro veículos elétricos para disputar a fórmula SAE. A ENEL investiu R\$ 400 mil nesses carros, concluídos no final do ano passado.

Mas a visão dos três amigos está fixa no futuro; à frente, no horizonte, vislumbram-se problemas advindos do aquecimento global, a necessidade de dominar a tecnologia e a Elmo dispõe-se a produzir soluções engajadas à sustentabilidade.

Segundo o relatório do Sistema de Estimativa de Emissão de Gases de Efeito Estufa (SEEG 2018) com estudos mapeados de 1990 a 2017, o segmento de Transportes é o maior emissor dentro dos setores analisados, responsável pela emissão de 204 toneladas Emissões Acumuladas Totais de CO2 em 2016, representando 39% do total; (a Indústria também contribui com uma fração importante com 31% do total). O relatório conclui que a adoção de biocombustíveis e de soluções tecnológicas, como o veículo elétrico, demonstra grande potencial de abatimento de emissões. "Eu acredito na mobilidade elétrica como uma das soluções para redução do efeito estufa", ressalta Renato Fonseca.

Motos deverão ser elaboradas e montadas nos próximos meses, demarcando o setor de mobilidade elétrica

lhor projeto de suspensão de todo o Nordeste em 2018, tanto dos elétricos quanto na categoria combustão. Antônio Félix

seguiu para a parte de chassi, segurança e manufatura, pelas quais é responsável na Elmo. E Felipe Fauze desenvolveu estu-

dos em baterias de lítio; um de seus artigos científicos foi publicado pela SAE.

O protagonismo dos estu-

dantes no desenvolvimento da tecnologia de mobilidade elétrica dentro do Nordeste atraiu a atenção da

## + Iniciativa tem como berço a Fórmula-E UFPB

Na universidade, por meio do projeto Fórmula-E UFPB, os estudantes desenvolveram capacidades para projetos de tecnologia. A Elmo nasceu nesse berço. Passou ainda por experiências com a construção de karts elétricos e definiu o foco em motocicletas. "Eu fico muito feliz por eles terem tido a iniciativa de desenvolverem mobilidade elétrica porque é um mercado que tem muita demanda. Veja como é importante o desenvolvimento da tecnologia nacional: num momento de crise como estamos vivendo, com uma epidemia cuja doença [covid-19] requer máscaras de proteção para o tratamento, e não conseguimos produzir; quanto mais respiradores. Importamos tudo. Por isso eu tenho o maior interesse que essa tecnologia se desenvolva", revela Euler de Macêdo.

O empreendedorismo também é estimulado ao longo do curso a fim de que os alunos tenham a opção de criarem os negócios deles e gerarem renda para a Paraíba. No ano passado, os sócios da Elmo participaram do projeto StartPB, promovido pelo Sebrae. "Foi muito importante para amadurecermos o negócio. Durante o StartPB nós definimos o veículo que iremos produzir, introduzimos ações de marketing e estamos com background para buscar parceiros para o negócio", informa Renato. "O mercado tem

uma carência muito grande. Com a desindustrialização brasileira, ninguém quer construir; querem importar, trazer da China, porque é mais barato. Mas veja o momento que atravessamos, nem a China está com capaci-

dade de produção e não temos uma capacidade própria. Se os estudantes tiverem essa visão de resolverem os problemas da sociedade, o dinheiro vem como consequência. Problemas não faltam", complementa Macêdo.



Empreendedorismo motivou os jovens criadores do projeto a levarem a ideia adiante

## Origem: made in Brasil

Com a experiência do StarPB e da atividade com a tecnologia, os sócios participaram de uma oportunidade junto à empresa de design Autodesk. Apresentaram um "pitch" da startup e conquistaram a parceria para usarem a ferramenta Fusion 360. O design do protótipo é feito por eles nesse programa.

A estrutura mecânica será desenvolvida na Paraíba, na oficina da JP3 MotoSport, conhecida na área de corridas de moto offroad. "As empresas que vendem motos elétricas no Brasil são basicamente importadoras. Uma ou outra fazem alterações no produto. Nosso diferencial é que será fabricado aqui, além de recursos eletrônicos que iremos disponibilizar. Fizemos um estudo entre os motores estrangeiros e, recentemente, analisamos melhor os motores da WEG e achamos uma boa fazer os primeiros testes com ele. Se nossas simulações estiverem corretas, os motores da WEG vão oferecer um desempenho equivalente ao estrangeiros, sem o custo adicional da importação", esclarece Renato.

A moto está estimada a pesar 85 kg; dentro da cidade ela chega de 0 a 60 km em cinco segundos e a velocidade final está estimada em 125 Km/h; tem autonomia de 100 Km; as baterias são removíveis e o tempo de recarga é de 4 horas; é possível

retirar da moto e carregar em uma tomada comum.

O projeto inclui uma parte de conectividade via Bluetooth com um sistema de check up, diagnóstico eletrônico: um relatório é gerado pelo aplicativo e pode ser enviado para a empresa para uma solução. Terá configurações de maior eficiência/desempenho e, pelo menos, três modos de condução; sensor de presença do dono, quando ele se aproxima do veículo, além de localização por GPS.

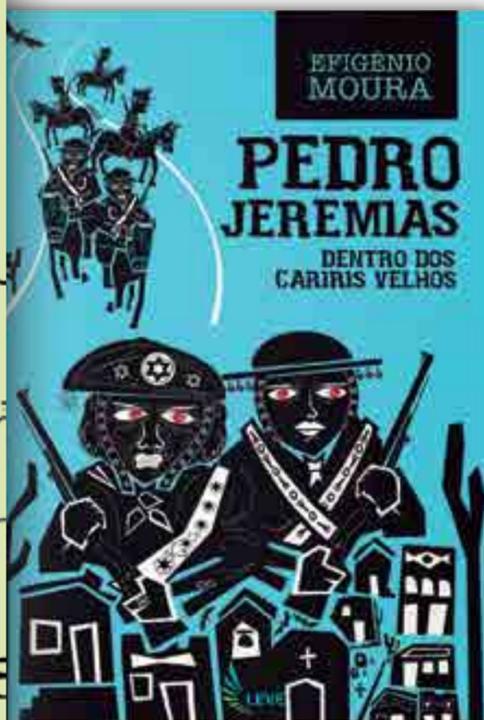
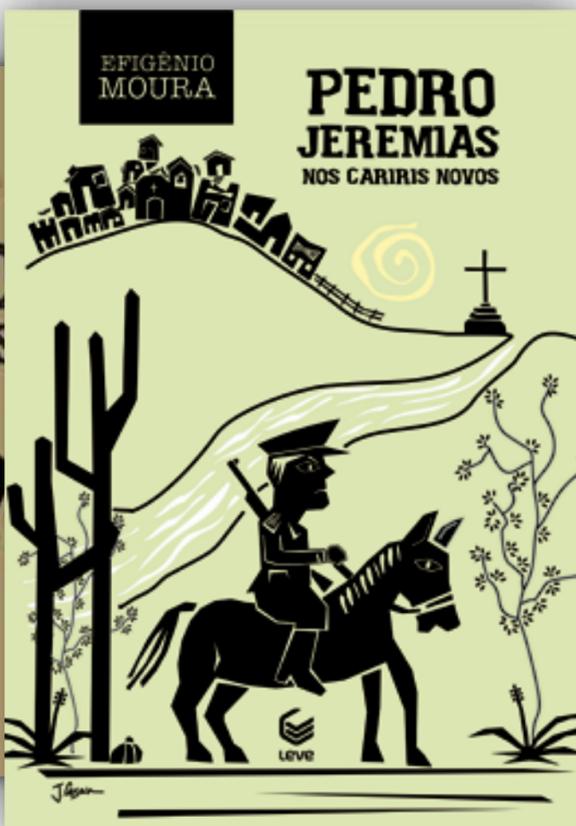
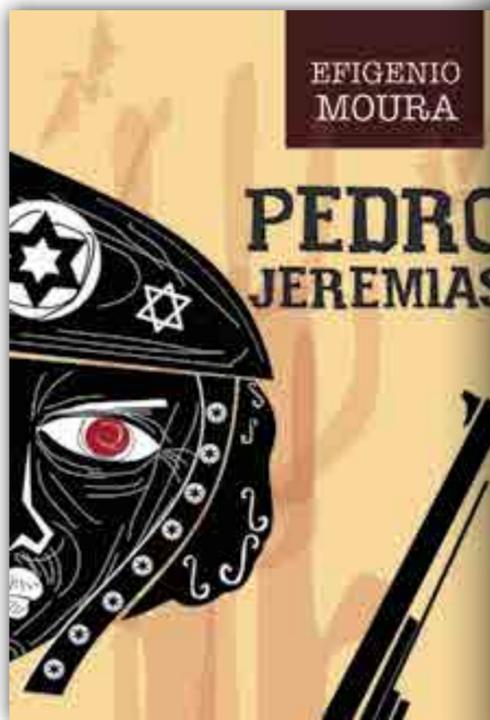
Considerando o combustível e a manutenção, um dono de moto elétrica pode economizar até 80% por ano, em comparação com uma moto à gasolina. O consumo é de R\$ 0,02 centavos por quilômetro, se calculado pelo preço do kilowatt em João Pessoa. Para uma moto à combustão que faz 30 Km/litro, o preço fica em R\$ 0,04 centavos.

Mas a economia maior está na manutenção do motor. Uma moto à gasolina tem um motor muito mais complexo que requer manutenção frequente. No elétrico nem as baterias, nem o motor precisam de manutenção. O que poderá requerer manutenção é a parte de suspensão, freios, nada além disso.

A Elmo Motors lançou no Instagram (@elmosolution) uma consulta para o público escolher o primeiro modelo que será fabricado: off road, street ou o custom.



Foto: Divulgação



Imagens: Divulgação

Série foi iniciada em 2017, com 'Pedro Jeremias'; continuando com 'Pedro Jeremias dentro dos Cariris Velhos' (2019) e se encerrando este ano com 'Pedro Jeremias nos Cariris Novos'

# Chega ao fim a trilogia do cangaceiro Pedro Jeremias

## Nova obra de Efigênio Moura mostra a Polícia Militar, a política dos coronéis e o fim do cangaço

**Guilherme Cabral**  
guipb\_jornalista@hotmail.com

*Pedro Jeremias nos Cariris Novos* é o novo e oitavo livro do escritor paraibano Efigênio Moura e com o qual ele encerra a trilogia do protagonista - um cangaceiro que dá título à série - iniciada em 2017, quando publicou o primeiro volume.

O autor conta que a nova publicação feita pela Editora Leve, sediada na cidade de Campina Grande, já está no prelo. Caso o material chegue ainda em meados deste mês, sua intenção é fazer um lançamento virtual da obra, que tem quase 400 páginas e preço de R\$ 60. Se tal prazo não se confirmar, o escritor disse que cogita realizar o lançamento posteriormente, depois de passar a quarentena causada pelo coronavírus (Covid-19). O evento deve acontecer em uma unidade da Polícia Militar em João Pessoa ou em Campina Grande, já que a obra presta homenagem ao coronel reformado da PMPB, João Batista de Lima.

"Esse terceiro livro traz a valorização da PM da Paraíba na guerra contra os cangaceiros. Eu também cito o escritor e ex-governador do Estado, Ivan Bichara (1918-1998) e o seu livro *Carcará*, além de acontecer nos primeiros, segundos e terceiros sertões da Paraíba e na área de Juazeiro do Norte, no Ceará", disse Efigênio Moura. "Nesse novo livro ainda inclui retalhos das histórias do cangaceiro Antônio Conselheiro, o beato José Lourenço do Caldeirão dos Jesuítas, relato as artes das carpideiras, a política dos coronéis e o fim do cangaço, além de conter a geografia da Paraíba de 1938, em cidades como Coremas, Piancó, Itaporanga, São José de Piranhas e Cajazeiras", enumerou.

O escritor esclareceu a razão da homenagem. "O coronel reformado João Batista de Lima, que mora na cidade de João Pessoa, vem realizando um trabalho de preservação da memória da PM através do seu blog *Abriosa* (abriosa.com.br). E o livro também mostra a força da Polícia Militar paraibana nos conflitos ocorridos nos anos 1930 e a capacidade da PM para resolvê-los", disse Efigênio Moura.

Também é abordado nesse terceiro e último volume, segundo o paraibano, como os coronéis da época usaram os cangaceiros em favor próprio, beneficiando-se da lei do bacamarte e do fuzil, e de que maneira a Polícia Militar agiu para abafar os conflitos ocorridos naquela época nas cidades de Cajazeiras, Piancó, Itaporanga e São José de Piranhas.

O autor afirmou que toda a trilogia é ambientada depois da morte de Virgolino Ferreira da Silva, o Lampião, ou seja, após o ano de 1938. "E, pela invasão a Cajazeiras, o meu livro não se assemelha, mas faz lembrar muito *Carcará*, obra de Ivan Bichara", apontou.

### Oralidade nordestina

Natural da cidade de Monteiro, na região Cariri da Paraíba, Efigênio Moura tem uma obra caracterizada pelo uso da oralidade nordestina como parâmetro, mas não de uma forma caricata. A descrição verbal se dá quase que em tempo real, aliada à geografia da região sobre a qual ele escolheu escrever.

A propósito, o autor escreve, em suas ficções, como se falam os diálogos existentes, procurando valorizar os costumes e tradições. Por isso, ele tem sido convidado para realizar oficinas e pro-

ferir palestras, ora sobre o falar nordestino - sobretudo o paraibano, em especial -, ora a respeito das histórias e personagens que criou e que nasceram no Cariri paraibano e outras localidades, a exemplo do Sertão de Alagoas e Pernambuco.

O primeiro livro lançado por Efigênio Moura foi uma comédia romanceada intitu-

lada *Eita Gota - Uma Viagem Paraibana*, cuja edição saiu em 2009, pela Editora da Universidade Federal da Paraíba (UEPB). A obra conta o retorno de caririzeiros para sua terra natal.

Depois, publicou *Ciço de Luzia*, romance ambientado nos anos 1970, em Monteiro, que trata da paixão entre Ciço Romão, trabalhador da

Fazenda Macaxeira, e Luzia, a filha do patrão. O livro foi indicado para o Vestibular da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em 2013, ano em que ele ainda lançou a terceira obra, *Santana do Congo*, cuja trama se passa na cidade de Congo, no Cariri paraibano, e conta a história de Kessy Jones e uma busca no Cariri da Paraíba.

Já em 2015, publicou *Caderneta de Fiado*, que tem duas narrativas e é inspirado no poema *Zéfa*, do alagoano Efigênio Teixeira de Moura, avô do próprio autor. A obra se passa na Paraíba e em Alagoas.

Por fim, em 2016, Efigênio Moura lançou *Apurado de Contos*, contendo histórias criadas no Cariri, incluindo Juazeirinho e Patos.

## Origem da série vem dos movimentos sociais no NE

"Eu queria escrever algo que falasse sobre movimentos sociais no Nordeste. Poderia ter falado sobre Padre Cícero, Antônio Conselheiro, o beato Lourenço, mas terminei escolhendo o cangaço porque abrange tudo isso e conta essas histórias", confessou Efigênio Moura, ao justificar a origem da sua ideia de escrever a trilogia sobre Pedro Jeremias.

O escritor paraibano revela que foram quase cinco anos de pesquisas para poder escrever o primeiro livro da trilogia, cujo título é *Pedro Jeremias*. Lançado há três anos, o cenário é ambientado nos sertões de Alagoas e Pernambuco. "A história começa na hora em que Lampião morre em Angicos, Sergipe", pontuou. "A partir da morte dele, em 1938, Pedro Jeremias - que nunca existiu, pois é um personagem fictício - e seu bando resolve sair do cangaço porque a graça se perdeu, com a morte de Lampião. Ele então quer deixar as armas no túmulo do Padre Cícero, que já havia morrido quatro anos antes, ou seja, em 1934. E aí ele começa a saga saindo do sertão de Alagoas até o seu destino".

Durante a trajetória relatada no volume inicial da trilogia, o autor comentou que aborda vários fatos, a exemplo do primeiro campo de concentração criado em 1915,

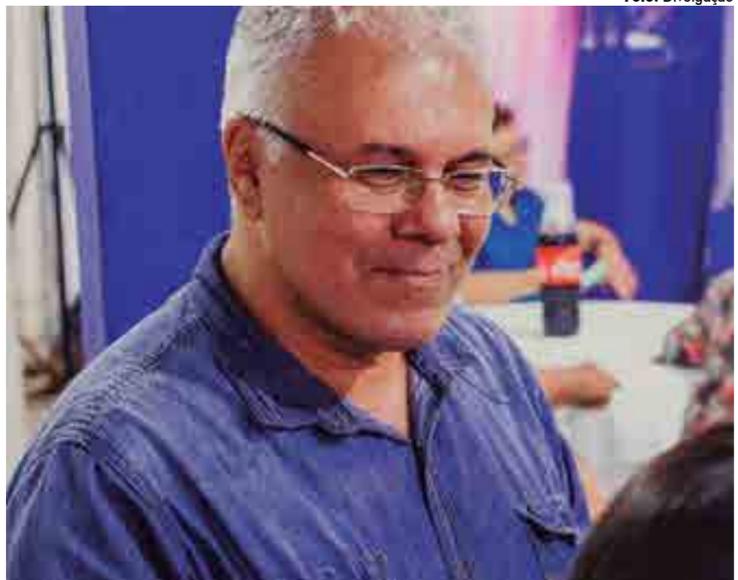
na cidade de Fortaleza, no Ceará, e que se chamava Alagadiço. "O objetivo desse campo era segurar as pessoas que foram atingidas pela seca daquele ano e que queriam invadir a capital do Estado", esclareceu Efigênio Moura.

Ele ainda menciona outro acontecimento: o episódio conhecido como A quebra de Xangô. "Foi em 1912, quando o prefeito de Maceió teve a ideia de quebrar todos os terreiros de macumba da cidade, pois achava que o governador, ao pedir aju-

da aos terreiros, tinha interesse nisso", lembrou.

Já na segunda obra da trilogia, intitulada *Pedro Jeremias dentro dos Cariris Velhos*, Efigênio conta, por exemplo, o episódio da guerra de 1912, na Paraíba. "Trago de volta essa situação em que o promotor de justiça Augusto Santa Cruz, que atuava na região de Monteiro e Sumé, se rebelou contra o sistema das autoridades", disse Moura, que é membro da Academia de Letras de Campina Grande e do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri.

Foto: Divulgação



Escritor paraibano colocou como o início da saga do seu protagonista a morte de Lampião, em 1938

## Hitchcock: o ócio e o riso

O ócio e a criatividade são amigos inseparáveis. É necessário tempo livre pra se dedicar à contemplação do universo, às reflexões filosóficas, à leitura de obras literárias, à produção e ao gozo artístico. Ao longo dos tempos, essas atividades estiveram associadas a classes e estamentos privilegiados como a aristocracia nobiliárquica, o alto clero e a burguesia. É difícil imaginar que um trabalhador mal remunerado, com carga horária extenuante de oito ou dez horas diárias, que leve cerca de quatro horas pra ir e voltar do trabalho, tenha tempo suficiente para se dedicar a essas atividades.

Historiadores contam que Isaac Newton formulou a sua célebre teoria da gravidade e as bases do cálculo diferencial, que revolucionariam a matemática e a física, durante um período de quarentena, quando se viu obrigado a ficar em casa devido a terrível peste bubônica que assolou a Inglaterra na segunda metade do Século 17. Ele era apenas um jovem brilhante e piedoso de 23 anos, estudante do Trinity College de Cambridge, filho de ricos proprietários de terra que nunca experimentaria agruras financeiras. Suponho que não imaginava que suas ideias transformariam de forma tão radical o mundo e que o seu nome seria eternizado entre os maiores sábios da humanidade.

Mas não podemos tirar conclusões precipitadas sobre essa história. Abundância de tempo e dinheiro não são garantias do surgimento de cientistas, filósofos e artistas brilhantes. Thorstein Veblen mostrou que essa combinação produziu no capitalismo uma classe ociosa e fútil, que vive de renda e que expressa a própria identidade através da ostentação de bens valiosos como carros de luxo, iates, mansões, roupas de grife e festas suntuosas. Outro bom argumento é o de que as criações intelectuais dependem, geralmente, de formação cultural prévia e de uma coisa que costumamos chamar de inspiração.

Eu, por exemplo, não componho uma canção faz muito tempo e essa quarentena parece agravar o problema, porque me fez perder estranhamente a vontade de tocar um instrumento. No meu caso, sobra tempo livre ao mesmo tempo em que falta dinheiro, inspiração, vontade e talento. O coronavírus é o que chamo de "Rita de Chico Buarque": ele levou os meus planos, os meus pobres enganos, os meus 30 anos e, além de tudo, me deixou mudo o violão. Mas se a música anda em baixa na quarentena, o mesmo não pode ser dito em relação ao cinema. Venho assistindo filmes maravilhosos. Na grande maioria clássicos, e algumas poucas e boas produções mais

recentes. Esta semana, vi na respectiva ordem: *O Anjo Exterminador* (1962), de Luis Buñuel; *O Homem que Matou o Facínora* (1962), de John Ford; *O Terceiro Tiro* (1955), de Alfred Hitchcock.

Não sabia, como quase todo mundo que conheço, que Hitchcock tinha enveredado pelo humor. *O Terceiro Tiro* é uma comédia ácida, com toques de romantismo e um bocado de suspense. Dei várias gargalhadas diante da TV e senti aquela tensão que marca a experiência fenomenológica dos filmes hitchcockianos. A história se passa no singelo vilarejo de Highwater, Vermont. É outono. O clima está ameno. As folhas amareladas das árvores desbotadas que contrastam com o pouco de verde que ainda resiste ao implacável caso do inverno e o céu azul deixam a fotografia muito bonita.

O cadáver de Harry Worp é encontrado ao rés-do-chão, na alfombra do campo. As coisas se complicam quando várias personagens da trama começam a acreditar que são os responsáveis diretos por essa morte. As histórias individuais se entrelaçam e acabam criando uma confusão dos diabos. O Capitão Wiles, um velho marinheiro que estava caçando no bosque, acredita ter matado acidentalmente Harry fazendo-o esconder o corpo. Enquanto isso, Jennifer Rogers, a esposa do defunto, pensa que o matou com uma garrafa de leite na cabeça e, Gravelly, uma solteirona de meia-idade, acha que o matou quando atirou o salto de seu sapato na sua testa para se livrar de um ataque apoplético.

O que se segue é uma corrida para ocultar o crime das autoridades policiais. O trio é ajudado pelo excêntrico, espirituoso e sedutor artista plástico Sam Marlowe. Eles enterram, desenterram e reenterram inúmeras vezes o corpo sem vida, em cenas recheadas de chistes macabros. Na história ainda há espaço para o amor e a solidariedade, que nascem das relações entre o quarteto. Hitchcock acaba revelando como o riso é capaz de aliviar o sofrimento, esfriar a angústia e o terror da realidade.

O riso é, portanto, da ordem do humano. Ele pressupõe a imperfeição. Segundo a professora Marília Dalva Texeira de Lima, autora de uma brilhante tese de doutorado sobre o riso: "O monoteísmo judaico-cristão torna o riso improvável no mundo divino, porque, como questiona o historiador francês Georges Minois, 'do que poderia rir um ser todo-poderoso, perfeito, que se basta a si mesmo, sabe tudo, vê tudo e pode tudo?' Os deuses da Antiguidade clássica, de tradição politeísta, podiam rir porque não eram perfeitos e possuíam as mesmas características e desvios dos seres humanos".

## Estética e Existência

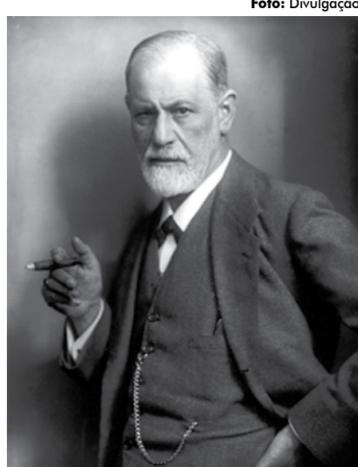
Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

## Pulsão de morte e a destrutividade

A voracidade do ódio, nas relações dissociativas, conduz o indivíduo à destrutividade. Para o indivíduo suportar-se na própria dor de existir, uma característica dessa patologia é esse indivíduo criar um deus que esteja acima de Deus como um mecanismo de defesa do "eu" para sublimar seus estados de autodepreciação e apequenamento. E através do próprio deus imaginário e do ódio, esse indivíduo patológico conduz outros indivíduos à pulsão de morte.

A violência pode ser estudada a partir da relação do conceito de pulsão de morte com a destrutividade. A médica e psicanalista russa Sabina Nikolayevna Spielrein (1885-1942), no seu artigo *Destruição como origem do devir* (*Die Destruktion als Ursache des Werdens*), no ano de 1912, apresentou pela primeira vez o conceito de pulsão de morte, que foi usado pelo médico neurologista, psiquiatra e psicanalista austríaco Sigmund Freud (1856-1939) nas obras: *Além do Princípio do Prazer* (1920) e no *Mal-estar na Civilização* (1929). Nessas obras, Freud usou no plural a expressão Pulsões de Morte (*Todestrieb*). Ele apresentou esse conceito como uma "oposição entre os instintos do ego ou da morte e os instintos sexuais ou de vida". A origem do conceito pulsão de morte se refere a Thanatos, que, na mitologia grega, representa a personificação da morte e é representado por uma nuvem prateada que arrancava a vida dos mortais. Na obra *Além do Princípio do Prazer*, um dos temas apresentados é sobre a compulsão à repetição, que nos leva a reconhecer duas formas de impulsos: a Pulsão de Vida, que é lançada por Eros, e representa a nossa vontade de viver e de se preservar; o outro impulso é a Pulsão de Morte, que é lançada por Thanatos, que é o impulso destrutivo em direção à morte. Essas duas pulsões estão se movendo sempre simultaneamente para satisfazer a conservação da vida. Na obra *O Mal-estar na Civilização*, Freud demonstra que a civilização ou cultura produz uma falha psíquica no indivíduo através do conflito entre as necessidades do indivíduo e a brutalidade de uma sociedade para



Psiquiatra e psicanalista austríaco Sigmund Freud

com esse indivíduo. Nesse contexto, o indivíduo é oprimido em suas pulsões e vive numa insatisfação entre o desejo de individualidade e as expectativas de uma sociedade, nessa relação patológica esse indivíduo se monstrualiza no ódio. Uma forma de suportar-se, na própria dor de existir, o indivíduo é impulsionado a criar um deus que venha sublimar suas dores psíquicas, suas necessidades e o ódio.

Freud, em 1927, ao escrever *O futuro de uma ilusão* (*Die Zukunft einer Illusion*), ele descreveu as origens da religião, o seu desenvolvimento futuro. Ele apresenta a cultura sendo um valor exterior ao indivíduo para afastá-lo da selvageria. Para Freud, a cultura é conhecimento e poder acumulado, tendo como objetivo conviver com as forças da natureza para dá um suporte à vida; e de atender as necessárias do outro para que as relações humanas possam ser harmonizadas. Para Freud, o homem criou a religião para sublimar a selvageria humana, com forma de corrigir as imperfeições da cultura ou civilização. Segundo Freud, as neuroses da infância, entre elas a falta de afeto, a religião tenta eliminar a maioria dessas neuroses, de forma inconsciente, em substituir por outra neurose que ele considerava como uma neurose uni-

versal. Para Freud, a neurose universal, a que nasce da religião, ela é muito difícil de tratar no indivíduo. Em oposição, às neuroses da infância, as que nascem pela falta de afeto, essas são curáveis. Ele define a religião como uma ilusão porque surge de uma crença e são dogmas transmitidos pelos nossos antepassados; também porque possuímos provas que foram entregues até nós; e porque é proibido questionar a sua autenticidade. Essas crenças apresentam a realização do desejo. Um desses desejo é a necessidade de afirmar a existência do pai e a continuidade da própria existência através da imortalidade da alma. A religião se apresenta como o desamparo do homem no mundo que tem de enfrentar o destino da morte; a luta embrutecida da civilização; e as forças da natureza. E que os senhores da religião exercem a imagem de um pai que exorciza os terrores da natureza; que reconcilia as dores de existir com a crueldade do destino; e que o seguidor dessa crença deve sublimar suas falhas psíquicas através dos sofrimentos e de torturar-se nas privações que a vida civilizada impôs a ele. Nas patologias das ilusões, através das religiões, o indivíduo necessita criar o seu próprio deus para eliminar o outro, como uma forma purificar-se do próprio mal. Esse sujeito é um monstro perverso que se alimenta da destrutividade. Nesse contexto – da própria cultura ou civilização – que estar inserido esse monstro humano, para livrar-se do próprio apequenamento e autodepreciação, a religiosidade o conduz a eliminarem o outro, e isso é uma forma de criar o reino do pai, mesmo que seja o reino do ódio e do terror.

Irei dar continuidade a esse ensaio na Rádio Tabajara. Sinta-se convidado para a audição do 262 Domingo Sinfônico, deste dia 12, das 22h até às 0h. Baixe o aplicativo ou busque no Google radiotabajara.pb.gov.br; sintonize AM 1.110 ou FM 105,5. Nesta edição, irei comentar as peças e apresentar o pensamento musical do tcheco Gustav Mahler (1860-1911). Ele conviveu com a loucura do sofrimento e recriou o encantamento para com a beleza da vida e da natureza como forma de suportar os seus conflitos internos.

## Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

## Paulo fez por nós

Quinta-feira foi o aniversário dele. 68 anos. Nasceu no Rio de Janeiro. Em 1975, já estava formado em Medicina pela Federal do Rio. Em tempo de recomeço, o neurocirurgião Paulo Niemeyer disponibilizou todos os 44 leitos de CTI do Instituto Estadual do Cérebro, no Rio, para os infectados pelo coronavírus, e seus laboratórios estão a fazer 200 exames de diagnóstico por dia. Recomeço? Já? Isso é dele? Isso é da profissão? Do Juramento? Isso é da natureza humana? Seja o que for, Paulo está fazendo por todos nós.

Paulo também fechou o consultório durante a quarentena para se dedicar ao atendimento de pacientes com o Covid-19, seguindo somente com casos emergenciais de sua especialidade. Terá tempo? Só o tempo dirá...

Vamos chamá-lo de "o desconhecido de si mesmo". Vamos pensar em Paulo Niemeyer como um desenho, que o tio o arquiteto Oscar Niemeyer, deixou na prancheta. Quanta delicadeza!

Quando, anos mais tarde, lembrarmos dele, o desenho que penso mais nos outros, que tantos outros, dessa arte da medicina. O cara parou de trabalhar para trabalhar mais, arriscando a própria vida. Jura? Juro. Só para ajudar os pacientes brasileiros com coronavírus. Tinha tudo para não ter feito isso: um profissional realizado, bem-sucedido, elegante, mas foi bater onde o povo está.

A revelação dessa notícia, como uma poesia, um plural, que Paulo vivera e inventara em sua vida, é como se ele fosse da genealogia da literatura, e haveria de levar alegria para seus leitores, a "trabalhar perigosamente", sobre a vida de muitas personagens.

Pessoas que estão nessa fé, de qualquer cor, qualquer casa, sem revelar-lhe sua biografia, mas para perseguir as pegadas da peste, sobre as quais ele também poderá se contaminar. Mas Paulo preferiu caminhar.

Quando li, vi, esse homem falando que ia trabalhar somente pelos pacientes com coronavírus, eu senti a paz, uma paz difícil de ser completa, porque só o isolamento, não ajuda. A pandemia nos colocou entre quatro paredes, para que possa ter sentido o apreço, nunca o apego. Paulo foi longe? Não.

Como jornalista, fiquei muito curioso em saber mais sobre Paulo Niemeyer: o que ele pensa, seu filme predileto. Será que leu o Pessoa? Sim, o Pessoa nunca foi novidade para poucos, já a paz... Desde que li *O Desconhecido de Si Mesmo*, de Octavio Paz, que vivo encantado. Quanto ao Pessoa, é o poeta de minha alma, juntamente com o nosso João Cabral de Melo Neto. Talvez por estarmos a entrar nessa curva, a curva ascendente, descendente, a repetida "via curva" em que Jesus é morto e ressuscitado.

Uma amiga me ligou: "Você lembra quando ele salvou Herbert Vianna?" Ah, o Estevão Ciavatta (marido de Regina Casé) também.

Meu pai sempre dizia: "Se quiser fazer por mim, faça eu vivo". Pelo K, faça agora. Eu fico besta com tantos profissionais no país, e não vejo outras iniciativas, para ajudar a legião que não dorme, cuidando dos pacientes com coronavírus. Obrigado, doutor!"

### Kapetadas

1 - Novos esportes radicais: Ir na farmácia.

2 - Já pensou que louco não existir o termo "personalidade forte" e a pessoa ter que admitir que é chata mesmo?

3 - Muita gente vendo luzes no céu, outras ouvindo barulhos estranhos. Acho que os extraterrestres viram tudo vazio e pensaram: "Agora a gente pode descer".

4 - Som na caixa: "As mãos sujas do sangue das canções", Caetano Veloso.

Foto: Leo Aversa/Divulgação



Neurocirurgião Paulo Niemeyer se dedica aos pacientes com Covid-19

## Cinema

**Alex Santos**

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

# Sem gritos e sussurros, de um cinema especial

Nenhuma forma de expressão visual é mais completa do que o cinema. Seja ele sonoro ou não. O cinema globaliza vários contornos de uma só vez – o teatro, pintura, fotografia..., dando-lhes completa mobilidade e vida. Quando audiovisual, porquanto sonorizado, essa “vida” torna-se mais verossímilante à nossa trivial realidade. Mesmo porque o gênio humano e a Natureza jamais foram mudos, insonoros. E desde que mundo é mundo, com o grasnar das aves, urros e chiados dos animais, e os grunhidos dos nossos primatas.

O som vai existir até no silêncio. Verdade! E assim podemos afirmar, se levarmos em conta, por exemplo, as possíveis narrativas construídas por um cinema diferenciado, como o do sueco Ingmar Bergman. Diretor que sempre valorizou o uso do silêncio em seus filmes, primando, apenas, pelas expressões (“sonoras”) de rostos, de olhares, que dizem mais do que palavras... E aqui, invoco uma citação de Machado de Assis, que diz: “Eu gosto de olhos que sorriem, (...) e de silêncios que se declaram. Do silêncio tem vindo o que é mais precioso que tudo: o próprio silêncio.”

Rebobine-se, pois, o clássico *Persona*, filme de 1966, ou, especialmente, *Gritos e Sussurros* (1972). Obras em que os silêncios simbolizam os diálogos – fadigosos em muitos filmes –, buscando propiciar um significado ainda mais forte de compreensão a cada espectador. É como se, comparativamente, você estivesse diante de uma pintura, uma fotografia, ou mesmo de uma escultura lhe facultando uma leitura totalmente pessoal. Porque esse é o verdadeiro sentido da obra de arte. Vejamos o caso da *Mona*

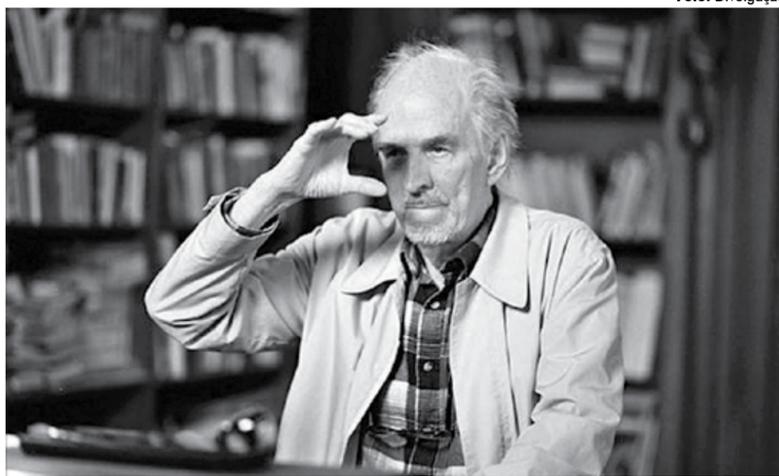


Foto: Divulgação

Cineasta sueco Ingmar Bergman, diretor de ‘Gritos e Sussurros’ (1972), sempre valorizou o silêncio

*Lisa*, de Leonardo da Vinci. A Ciência, relegando o “senso comum”, já comprovou o porquê das múltiplas interpretações sobre aquele rosto discretamente risinho. É como se existisse uma “voz”, um sentido sonoro naquela expressão...

Mostrei acima, duas boas referências sobre Bergman, mas uma, agora lembrada, me fala e muito douso narrativo cinematográfico silencioso, que é *Morangos Silvestre*, obra sueca de 1957. A rigor, um de seus filmes de minha preferência. Então, a sequência de sonho do velho professor, no início do filme, encontrando-se numa rua deserta com uma charrete funerária desgovernada, jogando ao chão o ataúde com o corpo do próprio docente, vem de se tornar antológica em todos os sentidos da linguagem cinematográfica.

Um aluno me perquiriu certa vez, numa de minhas aulas, porque em meus

filmes os diálogos quase não existiam. Tomava ele como um exemplo o média-metragem *Antomarchi* (2010), que fora exibido, pontuando um exercício de sala sobre a “linguagem narrativa”, ali em discussão. Como tal, não me foi uma surpresa a indagação do arguto aluno, já que existimos uma fase do cinema em que a palavra vem se sobrepondo à imagem. E, já afirmava o grande diretor italiano Federico Fellini, “Cinema é Luz!”.

Justifiquei-me, então, apelando para um cinema de origem, respeitoso, e não apenas verbal, no qual os “diálogos mudos” eram mais entendidos; não simplesmente vistos. Disse ao aluno: Daí a diferença do cinema para o teatro, quando o gestual teatral (*mise en scène*) busca seu desfecho cênico, tendo como norma acompanhamento de um texto, de uma fala... – Mais “coisas de cinema”, acesse nosso blog: [www.alexasantos.com.br](http://www.alexasantos.com.br).



## APC: Vida e obra de seu Patrono

Academia Paraibana de Cinema – Cadeira Nº 21, Patrono: PEDRO SANTOS (Ocupante: Marcos Vilar) Amazonense de nascimento, fixou residência em João Pessoa, em 1958, como professor da Escola de Música Antenor Navarro. Em pouco tempo, ficou conhecedor da cultura paraibana. Participou de um documentário intitulado *O Pátio*, que ficou inacabado. Atuou em várias frentes: em programas de rádio, em debates, na formação e regência de corais, sendo responsável também pelo culto ao “cinema direto” do Nudoc da UFPB, órgão que ajudou a criar, juntamente com cineastas da época, a exemplo de Alex Santos e Manoel Clemente, mediante portaria do Reitor Lynaldo Cavalcanti. Compôs trilhas sonoras para várias peças teatrais, também para alguns filmes então realizados na Paraíba, inclusive *O Salário de Morte*, de Linduarte Noronha.

## Estreia na TV

# Personagens da cartunista Laerte protagoniza ‘A Cidade dos Piratas’

Os personagens da cartunista Laerte Coutinho são as estrelas do longa-metragem *A Cidade dos Piratas*, filme de Otto Guerra que mistura de animação, ficção e documentário que estreia amanhã, no Canal Brasil, às 19h40.

A ex-apresentadora do programa *Transando com Laerte*, a cartunista criou diversos personagens ao longo de sua carreira. Entre os mais conhecidos, Os Piratas do Tietê chamaram a atenção do diretor Otto Guerra, um dos principais nomes da animação nacional. O realizador gaúcho decidiu partir dessa história para produzir uma homenagem bem-humorada e repleta de referências cinematográficas divertidas em meio ao caótico pensamento do diretor, às voltas com sua capacidade de produção, os problemas pessoais e o próprio ritmo inusado de sua vida.

A produção narra de forma cômica o dilema do cineasta na produção do próprio longa. Logo de início, Laerte revela sua rejeição por alguns personagens criados e o desejo de não os desenhar mais em suas novas tirinhas.



Foto: Divulgação

Laerte Coutinho e suas criações estão no longa-metragem do realizador gaúcho Otto Guerra

No meio dessa *egotrip* sem destino, ele briga com sua produtora, descobre ter um câncer e tem crises éticas e existenciais. Com um tom onipresente de sarcasmo, trabalha de forma irônica com a orientação sexual de Laerte.

Em meio a pesadelos, sonhos, reclamações, momentos de desespero, indiretas políticas e nenhuma discrição, *A Cidade dos Piratas* é um animado e nada convencional tributo à cartunista, autora do blog de tiras *Manual do Minotauro*.

## Letra Lúdica

**Hildeberto Barbosa Filho**  
hildebertobarbosa@bol.com.br

## Dois poemas

### Alvorada

Tarde toda na BBS.  
Carros correm pela avenida aberta  
como uma garganta de fumaça.

Bebo sentado  
e fumo meu baseado  
enquanto o país se despedaça.

Não gosto de partidos.  
Detesto dogma, religião, e seita  
nem ver.

Prefiro ficar sozinho  
com minha dor iluminada.

Meus passos não sigo,  
mesmo quando paro diante da beleza.

Acabem com minha vida.  
Acabem com minha pátria.  
Acabem com minha terra.  
Um cacto brota  
no estrume do poema.  
E a poesia passeia, deserta,  
pelas praças da alvorada.

### Outros poemas

Há poemas que são poemas  
porque não se escrevem.

Há poemas que não têm versos,  
e palavras, se as têm, nada dizem.

Vejo, sim, o puro ritmo  
naquilo que não se faz,  
na ausência de sentido  
que cobre tudo.

A noite já chega.  
Vou me povoar com a brisa  
da morte.

Vivi um bocado e nada aprendi.  
Nem o amor me salvou das intempéries  
da palavra.

Estou quase pronto  
para suportar o absurdo  
de ser.

No mais, pago mais uma.  
Dinheiro não falta.

Falta a poesia  
para ressuscitar o mundo.

(Em tempo: em tempo de coronavírus!)



Foto: Divulgação

# Silvana segue movida pelo sonho paralímpico



Atleta de 20 anos, natural de São Bento, vai em busca do ouro paralímpico após trocar o paratletismo pelo parataekwondo

Iago Sarinho  
iagosarinho@gmail.com

Silvana Fernandes é uma jovem atleta de 20 anos que desde os 6 pratica esportes de maneira regular. Natural de São Bento no Sertão paraibano, ela conciliava sua rotina de treinamentos (antes da pandemia do coronavírus) com o curso de contabilidade na UFPB. No dia-a-dia ela se mantinha focada nos estudos pela manhã e treinamentos nos turnos da tarde e noite, mas sempre curtiu quando podia o mar de João Pessoa, hoje sem esse privilégio devido ao isolamento social.

Nascida com uma deficiência congênita no braço direito, a atleta possui como sonho disputar uma Paralimpíada representando a Paraíba e o Brasil. Para concretizar esse desejo metade do caminho ela já percorreu ao garantir a vaga para os Jogos de Tóquio, no começo de março deste ano, dias antes da Organização Mundial de Saúde (OMS) declarar que o mundo estava sobre uma pandemia de Covid-19 (novo coronavírus).

Com o passaporte para o sonho em mãos, ela precisará agora de resiliência e foco para aguardar a concretização máxima de sua meta que precisou ser adiada de julho de 2020 para o mesmo mês, porém em 2021. No entanto, esse provavelmente será o menor dos desafios já enfrentados por ela que, até 2018, tinha como esporte o paratletismo, onde competia na prova do arremesso de dardos na classe K-44, esta, removida do calendário paralímpico.

Com isso, Silvana após anos de dedicação ao paratletismo, teve que tomar uma medida drástica e mudar de esporte adotando, a partir do segundo semestre do ano em que recebeu a fatídica notícia, o parataekwondo. Em menos de dois anos e começando, praticamente do zero, uma atividade completamente diferente, ela fez o que muitos duvidaram. Por ter a garra característica de quem desde criança teve que lutar para conquistar seus objetivos, transformou o sonho de menina em realidade.

Na entrevista exclusiva para o Jornal A União que você confere nesta edição, a atleta falou sobre sua vida, a mudança repentina em sua carreira, sonhos e dificuldades, além de garantir que assim como o mundo vencerá o coronavírus, ela estará em sua melhor forma quando for a hora de enfrentar suas adversárias em Tóquio, em busca de um retorno dourado para casa.



Foto: CPB/Divulgação

A atleta paraibana foi destaque e medalha de ouro no Parapan-Americano de Lima disputado no ano passado e espera repetir o feito nos Jogos de Tóquio em 2021

## A ENTREVISTA

**Não há como fugir do tema nesse momento, então como está sendo a sua rotina durante esse período de isolamento por conta do Covid-19?**

Meus treinos foram reduzidos e adaptados para serem feitos em casa. Meu mestre Adriano (Adriano Lucena) me acompanha por vídeo chamada todos os dias, e os exercícios são de acordo com o que é possível fazer sozinha. Essa é a parte mais complicada, pois como minha modalidade é de luta, se torna um desafio ainda maior ter que treinar dessa forma. Isso infelizmente acaba baixando um pouco o rendimento, mas estamos dando uma reforçada no treino físico também, para não perder tanto condicionamento. Eu vinha em uma rotina de treinamento com a Seleção Brasileira, viajando sempre para São Paulo para treinar no centro de Treinamento Paralímpico ou para Curitiba que é a cidade onde nosso coordenador de Taekwondo (Rodrigo Ferla) reside. Infelizmente com o isolamento social, tivemos que quebrar nosso calendário de preparação, mas vamos correr atrás desse prejuízo assim que for possível.

**A parte física e psicológica dos atletas e paratletas têm sido a principal preocupação durante a pandemia, o que você tem feito nesse sentido?**

Estamos trabalhando de forma reduzida por dois fatores, primeiro pensando na minha imunidade e segundo tendo como foco prevenir as lesões, pois agora não está sendo possível realizar os trabalhos de fisioterapia preventiva e, com isso, a musculatura acaba ficando fragilizada, o que eleva o risco de lesões. Na questão psicológica, evito acompanhar de forma excessiva o noticiário e quando vejo algo procuro em fontes confiáveis. Além disso, sigo com o acompanhamento psicológico que já fazia antes desse período, pois essa é uma perspectiva cada vez mais importante no esporte.

**Qual a sua opinião sobre o adiamento dos Jogos Paralímpicos diante dessa epidemia?**

Foi uma decisão muito coerente, pois estaríamos enfrentando grandes problemas se os jogos fossem esse ano. Primeiro porque ainda existem muitos atletas que estão na disputa por vagas e eles seriam extremamente injustiçados, após anos de preparação. O segundo ponto seria por não termos tempo para reintroduzir uma rotina de treinamentos pela proximidade dos jogos. Por fim, essa situação afetaria diretamente o rendimento do evento que cairia muito devido aos atletas não estarem no pico dos seus treinos, consequentemente, não teríamos quebra de recordes ou bons resultados.

**A Silvana completa e irá aos Jogos em 2021 pode ser uma atleta mais completa e preparada do que a de hoje ou essa paralisação afetará seu desenvolvimento?**

Em 2021 serei muito mais capacitada do que hoje, pois vou ter mais tempo para aperfeiçoar técnicas complexas e difíceis para o meu jogo. Terei melhorado na parte física, elevan-



Foto: CPB/Divulgação

Silvana Fernandes praticava paratletismo e foi obrigada a mudar de modalidade

do minha velocidade e potência, por exemplo, no momento do chute. Então, assim que acabar a quarentena teremos um grande trabalho a ser feito, mas acredito que terei o tempo suficiente para chegar com o meu melhor rendimento para, no evento, buscar a tão sonhada medalha paralímpica.

**A sua carreira no Parataekwondo é meteórica. Em pouco tempo você conseguiu conquistar uma vaga paralímpica dentro de um esporte completamente novo. Qual o caminho percorrido para você chegar nesse nível de maneira tão rápida?**

Foi rápido mesmo, mas não foi algo que aconteceu do nada. Estou no esporte profissional há 6 anos, então foi um grande caminho até encontrar realmente a modalidade certa para mim. Comecei a treinar o parataekwondo no segundo semestre de 2018, e em junho de 2019 participei da minha primeira competição internacional nos Estados Unidos. Lá, fiquei em quinto lugar e, mesmo não obtendo medalha, tive um desempenho muito satisfatório que me trouxe a convocação para a Seleção Brasileira. Após isso, pude participar do Parapan-Americano de Lima, onde fui campeã. Em seguida, disputei o Campeonato Brasileiro, onde também consegui vencer. Tudo isso só foi possível graças ao mestre Adriano e meu fisioterapeuta Thales Sales. Após essas conquistas, pude contar com mais profissionais fundamentais nesse caminho, como a preparadora física Priscila Cartaxo, o nutricionista Elton Fernandes, o meu médico Sergio Paredes e a minha psicóloga Shi-

mena Crisanto. Com esse time é que eu consegui a vaga para Tóquio.

**Quando em 2018 você foi informada que a sua prova de paratletismo estava fora do calendário dos Jogos. Qual foi o seu sentimento e o que te perseverou a buscar um novo esporte?**

Quando recebi a notícia que nos Jogos de Lima não teria o lançamento de dardo para a minha classe, fiquei muito triste, pois meu objetivo desde que comecei o esporte profissional era conseguir fazer parte da seleção Brasileira e participar das Paralimpíadas. Diante disso, esse sonho não poderia ser alcançado pela prova que eu participava. A partir disso agarrei o parataekwondo como minha segunda esperança de conseguir a vaga para os Jogos e tendo esse sonho em mente, me dediquei ao máximo para conseguir a vaga para Tóquio.

**Nessa transição quais foram as suas maiores dificuldades de adaptação e o que a modalidade anterior facilitou no seu desenvolvimento?**

O paratletismo é uma modalidade que, independentemente da prova, exige muita coordenação, potência e velocidade do atleta. Esses três pontos me favoreceram na minha transição para parataekwondo que é um esporte que, além de exigir essas habilidades, necessita de grande equilíbrio muscular, um aspecto que tive que adquirir. Além disso, tive grandes desafios do lado de fora dos tatames. Fui julgada e criticada, pois no início eu tive que ficar treinando as duas modalidades por questões financeiras. Pelo fato de estar em dois esportes de alto rendimento, para alguns, eu estava aumentando meu risco de lesões, e com isso poderia jogar fora todo o trabalho feito até então. Porém, tudo mudou após minha conquista nos Jogos de Lima, pois foi aí que ganhei o respeito de todos e mostrei que não estava para brincadeira, mas sim para conquistar meu espaço dentro do esporte profissional.

**O que você espera encontrar nas Paralimpíadas do próximo ano e qual seu maior desafio até lá?**

Eu espero encontrar atletas de grande nível e muito experientes, pois todas as atletas da minha categoria tem mais tempo do que eu na modalidade, todas no ápice de suas habilidades técnicas. Para mim, o foco será continuar meu desenvolvimento para também chegar em grande forma para a competição e brigar por medalhas.

**Por fim, qual a sua mensagem para as pessoas comuns e atletas que, como você, estão passando por esse momento difícil diante da pandemia de Covid-19?**

Estamos em um momento de muita dificuldade, mas não tem nada impossível. É hora de nós se unir e de termos fé e otimismo, pois tudo isso será passageiro. O importante agora é focar nas coisas boas e ajudar aqueles que mais necessitam.

**EFEITOS AGUDOS**

- Através da pele: Irritação na pele, ardência, desidratação, alergias;
- Através da respiração: Ardência do nariz e boca, tosse, coriza, dor no peito, dificuldade de respirar;
- Através da boca: Irritação da boca e garganta, dor de estômago, náuseas, vômitos, diarreia

**EFEITOS CRÔNICOS**

- Dificuldade para dormir, esquecimento, aborto, impotência, depressão, problemas respiratórios graves, alteração do funcionamento do fígado e dos rins, anormalidade da produção de hormônios da tireoide, dos ovários e da próstata, incapacidade de gerar filhos, malformação e problemas no desenvolvimento intelectual e físico das crianças, câncer.
- A associação entre a exposição a agrotóxicos e desenvolvimento de câncer ainda gera polêmicas, principalmente porque os indivíduos estão expostos a diversas substâncias, sem contar outros fatores genéticos. Porém, é importante salientar que estudos vêm mostrando o potencial de desenvolvimento de câncer relacionado a diversos agrotóxicos, justificando a recomendação de precaução para com o uso e contato. Ao surgimento de quaisquer sintomas após manipulação de agrotóxicos, recomenda-se a procura por ajuda médica

Fonte: Inca

# Agrotóxicos trazem riscos à natureza e à saúde humana

## Usados em larga escala no Brasil, eles são uma ameaça para animais e até para quem faz o seu manuseio

**Alexandra Tavares**  
lkajp@hotmail.com

O Brasil é um dos maiores consumidores de agrotóxicos do mundo e no ano passado a importação desses produtos bateu recorde. De janeiro a dezembro, foram quase 335 mil toneladas de inseticidas, herbicidas e fungicidas comprados. O volume é o maior da história desde 1997, e representa um aumento de 18% comparado a 2018, segundo o Ministério da Economia.

Especialistas alertam que os agroquímicos, defensivos agrícolas ou pesticidas, como são conhecidos, trazem prejuízos ao meio ambiente e à saúde do homem, tanto dos produtores quanto dos consumidores. E seu impacto é incalculável. Ao serem aplicados na agricultura, em plantações como a de milho, soja, cana-de-açúcar e fruticultura, eles acabam atingindo animais "amigos" da natureza, como a abelha, e até quem o manuseia, porque é impossível focar o produto em apenas um alvo, ou sejam, as pragas.

"Nas tecnologias indus-

triais, não tem nada mais impreciso quanto os agrotóxicos. Há situações que uma parte em cada mil atingiu o alvo, as outras 999 partes foram para outros alvos. Na agricultura, você joga um feixe enorme de produto para combater um ácaro. Aquelas outras partes vão atingir a terra, o corpo, a roupa, a mucosa e a pele do trabalhador. A planta que não tinha nenhuma praga também é contaminada", afirmou Paulo José Adissi, doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ex-coordenador do Grupo de Ergonomia Agrícola e Gestão Ambiental da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e atual professor voluntário no Campus III, da UFPB, em Bananeiras.

O professor explica que, pela vasta plantação de soja no país, os herbicidas (tipo de agrotóxico) são os mais utilizados no setor agrícola. Pelo conhecimento científico, Paulo Adissi explica que, a princípio, o herbicida tem uma ação rápida sobre os recursos naturais. Mas, na UFPB, descobriu-se que

esse efeito pode ser prolongado por causa de uma prática adotada por alguns agricultores. Em períodos chuvosos, há agricultor que adiciona cola ou outra substância ao herbicida para que essa mistura ocasione uma maior adesão à planta. Isso aumenta o tempo de ação do produto e reduz custos.

"Somente essa cola já muda a característica do herbicida. As espécies vivas que entram na cadeia alimentar perdem por mais tempo em contato com o veneno, e vão se acumulando", frisou o professor.

Na natureza, um dos impactos mais significativos são nos insetos. O professor afirma que as abelhas estão sumindo. "Os aspectos ambientais mais sérios são sobre as populações de insetos amigos da agricultura, responsáveis pela polinização. Isso vai passando pela cadeia alimentar, ou seja, se você mata uma abelha com agrotóxico, vem o sapo que come a abelha e ele também morre. Às vezes, isso segue de uma forma que pode nos atingir", contou Adissi.

## + Vinte mil morrem todos os anos

Os agrotóxicos são produtos químicos sintéticos usados para combater insetos, larvas, fungos, carrapatos tanto no ambiente rural quanto urbano. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) são registradas 20 mil mortes por ano devido a absorção desses produtos no organismo.

A exposição aos agrotóxicos pode causar uma série de doenças, dependendo do produto adotado, do tempo de exposição e quantidade absorvida pelo organismo. As principais pessoas afetadas são agricultores e trabalhadores das indústrias de agrotóxicos, que sofrem o impacto direto do veneno. No entanto, o Instituto Nacional do Câncer (Inca) alerta que toda população está suscetível à exposições múltiplas por meio da água e do consumo de alimentos contaminados. Gestantes, crianças e adolescentes também são consi-

derados um grupo de risco devido às alterações metabólicas, imunológicas ou hormonais presentes nesse ciclo de vida.

Dados do Inca mostram que, os males causados aos seres humanos podem ter efeitos agudos (de aparecimento rápido) ou crônicos (que surgem após exposições repetidas a pequenas quantidades de agrotóxicos por um período prolongado).

A saúde de agricultores e trabalhadores das indústrias de agrotóxicos sofre o impacto direto do veneno, mas crianças, gestantes e adolescentes também são considerados grupos de risco

**Continua na página 14**

## Essas coisas

**Carlos Aranha**  
c.aranha@yahoo.com | colaborador

# Como o sentimento de posse espalha-se por várias partes

O que é o ciúme senão o ponto culminante de um renitente sentimento de posse? Ciúme dos filhos, das mulheres, dos homens, namorados e namoradas, figuras e casos. Ciúme dos livros, dos brinquedos, das flores, dos discos. O próprio amor da fala ciúme chega a dar a impressão do sentido possessivamente seco da palavra, plural ou singular.

É fácil sempre enunciar a palavra ciúme quando a temática é passional, seja na Scarlet O'Hara de "...E o vento levou" (ilustração) ou até nas perplexidades existenciais da fantástica atmosfera de "Blade Runner".

Quantos ciúmes geraram tantos filmes, livros, poemas, canções e até discursos políticos e guerras santas ou não? Quantos homens e mulheres mudaram o curso da História por causa do ciúme?

Saindo da esfera de homens e mulheres apaixonados, até mais que Marília e Dirceu, que o casal de "Suplício de uma saudade" vivido por William Holden e Jennifer Jones, que Romeu e Julieta, Anayde Beiriz e Heriberto Paiva, chega-se ao ciúme dos objetos e das concepções.

Algumas pessoas esquecem que no caixão em que se enterra o cadáver, na urna em que se guardam as cinzas e nos rios e mares onde por vezes elas são jogadas, há tempo e espaço

para possessivos objetos.

Mas o ainda novo século 21 (não completou um quarto) fez aumentar o sentimento de posse, que espalha-se por várias partes, cidades, famílias, nações. O eu, ou o limitado nós de uma descendência comum, faz com que mais que uma reforma política tornou-se urgente uma reforma existencial.

Uma aurora e um pôr do sol podem ser curtidos com exata intensidade quando a gente não desliza pela "sombra negra do ciúme". E entrar no mar sem ciúme? Quando é assim, a água salgada, o movimento das ondas, os reflexos lunares e solares, o sentir de peixes próximos e distantes, sejam botos ou tubarões, parecem ser partes integrantes dos nossos membros. São horas em que cada célula do corpo pensa e fala.

Com a ausência de ciúme, a pessoa pode sentir a sensação de atravessar uma árvore na Praça da Independência e compartilhar dos átomos que formam a Torre Eiffel, o Cristo Redentor, os trilhos e postes que dão voltas ao mundo. Pra isso não é preciso queimar um baseado, cheirar pó, tomar birita ou recitar orações católicas, evangélicas, kardecistas ou umbandistas. Basta a ausência de ciúme.

Canta-se, toca-se, escuta-se, escreve-se, sente-se melhor quando o ciúme é chupado pelo buraco negro das posturas e razões que nunca voltarão.

Sem ciúme, o doce é menos amargo, a água do coco verde é menos sólida, o inhame no prato é menos duro. Sem ciúme, a paixão é mais elástica, perfeita e pura.

Enfim, para "relaxar" n'Essas Coisas - que também são sólidas, mas "se desmancham no ar" - vez em quando passeio pelas ciências da astronomia e da astrologia. É nesta

que vejo (crendo e também não) que Peixes - signo de meu nascimento num 18 de março - é o mais preparado para a entrega amorosa de todos do zodíaco, mas, muitas vezes, exagera na dose. De repente, exagero e chego até a tomar umas de Old Parr. Piscianos se apaixonam, às vezes desesperadamente. Um Ballantine's até que dá pra segurar.

Já cheguei a esquecer de mim e não tinha neças de uísque por perto. O que vale mais é que não há medo de amar, "ob-la-di, ob-la-da".

Gente, gente nossa, não deveria encerrar sem uma dose vocal, sem gelo, de Caetano Veloso.

.....  
"Tanta gente canta, tanta gente cala /  
Tantas almas esticadas no curtume /  
Sobre toda estrada, sobre toda sala /  
Paira, monstruosa, a sombra do ciúme"...





# Orgânicos: uma opção mais saudável para se alimentar

## Frutas, hortaliças e legumes cultivados sem uso de agrotóxicos são mais saborosos e têm mais nutrientes

**Alexandra Tavares**  
lkajp@hotmail.com

Para fugir dos efeitos dos agrotóxicos e garantir uma alimentação mais saudável, muitas pessoas optam por frutas, hortaliças e legumes orgânicos. Essa preferência é justificada pelos benefícios eles trazem ao organismo humano. O blog Saúde Brasil, do Ministério da Saúde, informa que os orgânicos possuem mais nutrientes, são mais saborosos, garantem uma fonte saudável de alimento e ainda colaboram para uma maneira de vida mais sustentável, uma vez que os agricultores tratam o meio ambiente com o respeito necessário.

“O ideal é comer alimento orgânico, e a Paraíba tem uma oferta muito boa desses produtos”, frisou o professor da UFPB, Paulo José Adissi. Somente em João Pessoa, há várias feiras que comercializam esses produtos, portanto, não falta opção para os consumidores.

Um deles é a empresária Fernanda Tavares, que é adepta de produtos naturais há 40 anos. “Eu já tive restaurante natural e percebo que o consumo evoluiu muito. Quarenta anos atrás eles, praticamente, nem existiam. Depois foram aparecendo mais oferta. Além da qualidade do produto, a compra desses alimentos é um incentivo aos pequenos produ-

tores”, ressaltou. Consumidora assídua de alimentação natural, a empresária convidou um grupo de pequenos agricultores do Quilombo Senhor do Bonfim, da cidade de Areia, para comercializar alimentos orgânicos na ampla casa onde mora, uma espécie de hostel, no bairro do Cabo Branco, em João Pessoa.

Outra adepta dos “orgânicos” é a jornalista Messina Palmeira. Ela conta que a adoção de uma dieta natural trouxe mais qualidade para a sua vida. “Eu não tenho gripe, tenho uma saúde muito boa. Como bastante frutas e hortaliças orgânicas. Os benefícios são extraordinários”, confessou.

Uma das produtoras a quem Messina compra os alimentos orgânicos é Maria Lucinalva Soares, que mora em um assentamento no município de Pedras de Fogo e comercializa vários itens todo sábado, em João Pessoa. “Meu marido, meu filho e um sobrinho plantam produtos como alface, coentro, salsinha, espinafre e rúcula. Tudo é orgânico, temos até certificado”, frisou.

### Certificação

Para que possam comercializar os produtos orgânicos no Brasil, os produtores devem se regularizar, obtendo uma certificação através de Organismo de Avaliação da Conformidade Orgânica (OAC), credenciado junto

ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Outra alternativa é organizar-se em grupo e cadastrar-se junto ao Mapa para realizar a venda direta sem certificação.

Quando o produtor se cadastra apenas para venda direta sem certificação, não pode comercializar para terceiros, como supermercados e quitandas. O produto deve ser oferecido somente na feira (ou direto ao consumidor); e para as compras do governo (merenda e Conab).

Quando o produto é certificado, é possível comercializar os itens orgânicos em feiras, supermercados, lojas, restaurantes, hotéis, indústrias, pela internet, entre outros pontos de venda.

### Capacitação

Quem cultiva esses alimentos, pode buscar capacitação junto ao Sebrae-PB. Segundo o analista Pablo Queiroz, que atua na área de Projeto de Atendimento Presencial do Sebrae, em João Pessoa, em 2005 teve início uma capacitação voltada a esses produtores orgânicos. “Oferecemos consultoria de como fazer a articulação com o mercado consumidor; obter a certificação, entre outros pontos”, disse Pablo. O projeto do Sebrae-PB depende da contrapartida de prefeituras e organizações que se interessem em oferecer essa capacitação aos produtores que geralmente são da Agricultura Familiar.



Foto: Divulgação

João Pessoa possui várias opções de feiras de produtos orgânicos, como a que acontece no estacionamento do Sebrae

## + Risco para o sistema respiratório

O professor aposentado, Paulo José Adissi, ex-coordenador do Grupo de Ergonomia Agrícola e Gestão Ambiental da UFPB, resalta que a indústria sempre se defende das críticas relacionadas ao uso de agrotóxico, dizendo que tudo está prescrito no rótulo do produto. “Mas há uma distância enorme entre o que está prescrito e o que é praticado”, salientou.

O especialista lembra que já houve suspeita de morte em João Pessoa de vendedor de agrotóxico ter falecido de câncer por frequentar estoque do produto sem ventilação, ou seja, trabalhar fora das normas. “A situação de risco ao ser humano pelo agrotóxico é muito grande, por conta não só da atividade, mas por causa da vasta variação no tipo de exposição e uso”, acrescentou.

Adissi afirma que os três produtos mais utilizados na agricultura para o controle de insetos, fungos e ácaros são os piretróides, carbonatos e organofosforados. Os piretróides, comuns nas residências no combate aos insetos, atuam no sistema respiratório e aumenta a propensão à alergias.

Os carbonatos e os organofosforados atuam direto no sistema

respiratório. “Da mesma forma que interrompe a respiração da célula no inseto, causa o mesmo efeito no homem”, declara. Em caso de intoxicação, os primeiros sintomas são dores musculares e dor de cabeça. Mas isso pode evoluir e atingir de forma mais séria o rim, fígado e cérebro.

O professor comenta que há situações “estranhas” na relação entre as recomendações sobre o uso do agrotóxico e a realidade com que são aplicados e manipulados. Ao controlar pragas em uma plantação de tomate, por exemplo, está escrito no rótulo do produto que se deve pulverizar apenas nas flores do fruto. “Mas quem conhece um tomateiro sabe que onde tem flor, muitas vezes também tem fruto. Então tudo recebe o veneno e os riscos para a saúde do homem são enormes”.

A orientação dos fabricantes é para que não se reutilize as embalagens vazias dos agrotóxicos, mas de acordo com o professor, isso não se aplica na prática. “Eu vi agricultor fazendo canequinha para beber água ou leite com embalagem deste produto. E todo plástico é poroso, então a substância ativa desses venenos pode permanecer por um longo período”.

### SERVIÇO

#### Opções de feiras orgânicas

Por conta do isolamento domiciliar, para evitar contágio por coronavírus, várias feiras de produtos orgânicos estão sem funcionar em João Pessoa. Alguns produtores estão trabalhando com delivery. Há feira, como a que funciona no estacionamento do Sebrae de João Pessoa, que já retomou a atividade. Veja alguns locais onde são vendidos esses alimentos.

- Estacionamento do Shopping Sebrae, no Bairro dos Estados: funciona às quartas-feiras, das 9h às 15h (horário ampliado). Na quarta-feira (1) retomou as atividades;
- Avenida Cairu, 194, bairro do Cabo Branco: A feira acontece toda sexta-feira, das 6h ao meio-dia. Por enquanto está suspensa. As pessoas podem fazer pedidos através do 9 8834.9268;
- Espaço Equilíbrio do Ser, Avenida Sérgio Guerra, 151, Bancários: ocorre toda quarta-feira, das 5h às 12h. Sem informação sobre como está o funcionamento;
- Estacionamento da UFPB em João Pessoa, no Conjunto Castelo Branco III: toda sexta-feira, a partir das 5h. Sem informação sobre como está o funcionamento;
- Próximo ao Cemitério Santa Catarina, no Bairro dos Estados: a feira funciona todo sábado, de 5h às 8h. Por enquanto, não está funcionando. Quem desejar fazer pedido pode ligar para o 9 8655-1303;
- Restaurante Flamboian, Avenida Umbuzeiro, 1205, Manáira: toda quarta-feira, pela manhã. Por enquanto, não está funcionando. Quem desejar fazer pedido pode ligar para o 9 8834-9268;
- Fundação José Américo, Avenida Cabo Branco, 3336, no bairro de Cabo Branco: às sextas-feiras, das 5h às 11h. Por enquanto, não está funcionando.

## Toca do Leão

**Fábio Mozart**  
colaborador

# O dia em que recusei ser ator da Rede Globo

Em 29 de fevereiro de 2016, recebi este bilhete do ator Fernando Teixeira: “Fábio Mozart, estou fazendo a primeira parte da novela o Velho Chico e, para a segunda parte, eles estão precisando de pessoas mais velhas que sejam atores para os papéis de ‘Coronel do interior’, e você é cordelista, locutor e tem bom perfil. Se você estiver interessado, pegue seu celular e peça a alguém para tirar algumas fotos suas sem você posar. E junto com elas me mande online: nome, endereço, telefone, e e-mail. Quanto antes melhor. A grana é muito boa, fora o destaque nacional. Se você topar lhe darei umas aulas breves”.

Respondi ao mestre Teixeira: “Agradeço a deferência do convite, mas não poderei aceitar porque sofro de artrose nos dois joelhos, com sérios problemas de locomoção”. Assim, acabei deixando passar a chance de trabalhar nessa novela que, dizem, teve mais nordestino do que a feira de São Cristóvão, no Rio. Indaguei ao mestre se ele aceitaria minha indicação do veterano ator Marcos Ve-

loso para o papel. Ele respondeu: “Com certeza, Mozart, mas é uma pena, porque você tem um bom tipo para o que eles estão querendo. Em verdade, eles querem fazer uma renovação no cast”.

A Rede Globo é a maior emissora do Brasil, vista todos os dias por 90 milhões de pessoas. A telinha da Globo hipnotiza o brasileiro há mais de 50 anos. Trabalhar na Globo é o sonho de cem por cento dos atores. Não sou ator e nem quero trabalhar na Globo. Por causa da artrose nos joelhos, mas, também, porque a TV brasileira é alienante, reacionista e imbecilizante. Respeitando os artistas que lá trabalham, essa “caixa de fazer doido”, como definiu o genial Stanislaw Ponte Preta, vem empurrando goela abaixo dos brasileiros, por décadas, um conjunto de valores que não coincidem com meu modo de ver o mundo. Não gostaria de fazer parte disso, mesmo que dê dinheiro e fama.

Não sou superior a ninguém, nem acho que estou esnobando. Já tenho o suficiente pra não morrer de fome até o fim da vida e não preciso de notorie-

dade. A importância social que busco é poder ser reconhecido naquelas quebradas de gente pobre que quer montar uma rádio comunitária e precisa de meu auxílio. Prefiro fazer parte da equipe da Rádio Zumbi dos Palmares e me divertir batendo o ponto no Estúdio 26, que é uma sala na casa do compadre Dalmo Oliveira onde a gente sonha e ri com o ridículo próprio e alheio, produzindo debates absolutamente desnecessários e projetos malucos idem.

Pior para o mundo artístico, se o velho e extraordinário ator Fabinho não atuar na Vênus Platinada. Nem por isso deixarei de me orgulhar dos conterrâneos que trabalharam na novela, artistas do calibre de Zezita Matos e do consagrado Fernando Teixeira. Suas presenças na telinha da Globo significam mais dignidade e satisfação para o nordestino. Mesmo que a própria Globo nos compare àquele personagem idiota do desenho animado americano, o Homer Simpson, incapaz de entender comunicações de média complexidade.

Por falar em comunicação comunitária, mando meu “alô” pra Ricardson Dias e Ricardo Marcelo, da Rádio Comunitária Diversidade do Jardim Veneza em João Pessoa, uns caras que são do meu bloco, um bloco que sai todo dia para animar a vida coletiva dos que acreditam em mudanças, um bloco que está sempre nas ruas, com ou sem carnaval, com ou sem esperança de avançar na busca do poder popular. Marcelo Ricardo e Ricardson Dias são guerrilheiros da comunicação popular, obstinados e bravos insurgentes pelo direito à comunicação. A Rádio Diversidade não recebe licença do Governo para operar, já foi fechada pela PF, seus diretores processados e multados. O pessoal não desiste. Criaram o Centro Comunitário de Mídia no Jardim Veneza e vão à luta com o pessoal do Hip Hop, a associação do bairro, a Casa da Mulher e a rapaziada que curte comunicação comunitária. E seguem com o coração apertado, um microfone nas mãos e muitas lutas na folha corrida, vítimas e vilões de uma sociedade esquizofrênica.

# Medo de morrer: o relato de quem venceu o coronavírus

Pacientes que se curaram da Covid-19 contam como suportaram momentos de dor, falta de ar e angústia

**Márcia De Chiara e Paloma Cotes**  
Agência Estado

São Paulo - De uma forma ou de outra, todo mundo vai ter contato com o esse inimigo invisível e oculto, o novo coronavírus. Ele se espalhou pelos quatro cantos do planeta e provocou uma pandemia. Para muita gente, ele poderá passar rápido, provocando sintomas leves, situação que pode ser resolvida com tratamento caseiro. Mas, para cerca de 20% da população, a doença é motivo de internação hospitalar e até de uso de respiradores, hoje o equipamento mais escasso e que pode ser o fiel da balança da sobrevivência.

O jornal O Estado de S. Paulo conversou com pessoas que foram diagnosticadas com o novo vírus e estão curadas ou em fase final do tratamento para a covid-19. Entre os entrevistados estão aqueles que ficaram na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), como o jurista Ives Gandra Martins, de 85 anos, que, pela idade, pertence ao grupo de risco da covid-19.

Também fazem parte do grupo de risco para o novo coronavírus pessoas com comorbidades, como complicações cardíacas, doenças pulmonares e renais. O vírus, no entanto, atinge a todos: pegou em cheio o prefeito de São Bernardo do Campo, no ABC paulista, Orlando Morando (PSDB), de 45 anos, com a saúde em dia. "Senti uma falta de ar asfíxica",

disse Morando ao Estado.

No grupo dos que fizeram tratamento em casa e não precisaram de internação estão a jornalista Monique Arruda, de 34 anos, e a técnica de enfermagem, Natália Leite, de 35 anos. Também se recuperou em casa o médico infectologista David Uip, que lidera o comitê de combate à doença em São Paulo.

Seja em casa ou no leito de uma UTI, o medo de morrer foi o traço comum dos depoimentos desses brasileiros que agora - ao que tudo indica - já estão imunizados contra o novo coronavírus. Para eles, a lição que ficou é de que a vida é muito frágil e a saída para superar esse momento é ouvir a ciência e ser solidário. Leia abaixo os depoimentos.

## ORLANDO MORANDO PREFEITO DE SÃO BERNARDO

■ Depois de uma semana na UTI, Orlando Morando, prefeito de São Bernardo do Campo (PSDB), no ABC paulista, disse que achou que morreria por causa da covid-19. O pior momento foi na semana passada. "Senti uma falta de ar asfíxica, foi a pior sensação que tive na vida."

A situação só começou a reverter quando os médicos começaram a dar cloroquina. "O oxigênio não surtia efeito", lembra o político de 45 anos, que tem boa saúde e não faz parte de grupo de risco.

A lição que fica, segundo ele, é que é preciso valorizar a vida. "Esse é o maior bem que a gente tem. Quando se está à beira do precipício não adianta mais."

Outra lição tirada dessa experiência é a necessidade de as pessoas serem mais humanas. Morando disse que tem acompanhado as discussões recentes e que, na sua opinião, elas são totalmente "ilógicas". "O que adianta discutir a economia para quem não tem mais saúde?".

"A ciência está mostrando que o isolamento é a chance que temos para proteger as pessoas", frisou. "Depois do que eu passei, disse, gostaria de ver se consegue ficar alguns segundos sem respirar tentando contar dinheiro", finalizou.

## DAVID UIP, MÉDICO INFECTOLOGISTA

■ David Uip, que chefia o Centro de Contingência contra a covid-19 criado pelo Estado de São Paulo, voltou ao trabalho segunda-feira passada e participou de uma coletiva de imprensa em que foi anunciada a ampliação da quarentena no Estado de São Paulo. Uip foi infectado pelo novo coronavírus e estava afastado. Ele deu um depoimento emocionado sobre como sofreu com a doença.

"Gostaria de agradecer a Deus por estar aqui vivo, à minha família pela solidariedade e ao senhor, governador João Dória, que não deixou de me ligar um dia, não para perguntar algo sobre o trabalho, mas para saber como eu estava", disse Uip.

"Vou dar meu depoimento para mostrar do que se trata essa doença. Há dois domingos, eu me senti muito mal. Estava extenuado, sentado em uma cadeira e, pela primeira vez na vida, me neguei a falar com uma emissora de televisão. Não conseguia. De domingo para segunda, passei muito mal. Na segunda de manhã, fiz o exame e o teste deu positivo para coronavírus, mas a tomografia deu normal. A semana que se seguiu foi de extremo sofrimento", contou.

Uip explicou que depois de uma semana do diagnóstico positivo para coronavírus, em uma tomografia, foi detectada uma pneumonia "Esse sentimento de você se ver como médico, infectologista, com uma pneumonia, sabendo que muito provavelmente entre o sétimo e o décimo dia haveria complicações, foi muito angustiante. Indo dormir não sabendo como ia acordar. Mas Deus me ajudou e venci a quarentena. Não é fácil ficar isolado. É de extremo sofrimento, mas é absolutamente fundamental", contou o infectologista. E continuou: "Eu tive de me reinventar nesse período. Virei um David Uip mais humilde, sabendo os limites da vida".

Sobre a ampliação da quarentena, Uip falou que ela vai possibilitar um achatamento da curva da doença. "Meu depoimento é como paciente, não como médico. Quem vai sair vivo é quem estiver sendo atendido em estruturas hospitalares bem equipadas e com equipes médicas bem estruturadas. Isso é claríssimo. Isso (a quarentena) vai permitir que os hospitais públicos e privados se reorganizem. Isso está possibilitando que indivíduos como eu, que ficamos adoecidos, voltem para a frente de trabalho."

Uip disse que vai voltar a atender pacientes. "Meu testemunho é de quem ficou do outro lado. Não é brincadeira. A quem está subestimando, achando que não é nada, desejo ardentemente que não adoça. É um sofrimento muito grande. Eu passo a ser um ativo, eu já passei pela doença e eu, teoricamente, não me contaminei de novo", disse, sob aplausos das pessoas presentes no Palácio dos Bandeirantes.



Foto: Estadão Conteúdo

## MONIQUE ARRUDA JORNALISTA

■ Há 17 dias trancada em casa, Monique Arruda, de 34 anos, jornalista, não precisou ir para o hospital para se curar da covid-19. No primeiro dia, ela contou que teve muita dor de cabeça, cansaço e febre alta. "Fiquei sem olfato durante 12 dias, era como se não tivesse nariz", lembrou.

Ela recebeu orientação do médico via aplicativos, o laboratório fez o teste em casa e o resultado foi positivo. Já o seu filho de 3 anos teve muita falta de ar, mas o

teste deu negativo. Até mesmo no período de isolamento, o médico a autorizou a amamentar para atenuar os sintomas da criança. Ela usou máscara e tomou cuidado com a higienização das mãos.

Outra preocupação de Monique é com a mãe idosa, de 70 anos, que mora na mesma casa. Mas, segundo ela, a mãe não pegou a doença, apesar de ser fumante e fazer parte do grupo de risco. "Apesar de os meus sintomas terem sido leves, foi um pesadelo", resumiu a jornalista. Ser portadora do vírus soou como uma sentença de morte para ela. No seu caso, um dos pontos que ajudaram, na sua opinião, a não virar um caso grave foi seu estilo de vida saudável. "Alimentação é a base de tudo."

## IVES GANDRA MARTINS JURISTA

■ No dia 27 de fevereiro, o jurista Ives Gandra Martins foi submetido a uma cirurgia simples de esôfago. Na recuperação teve uma isquemia, depois uma septicemia. Ficou quatro dias em coma na UTI e, quando estava se recuperando pegou o novo coronavírus. "A minha guerra não começou com o coronavírus", disse o jurista, que agora já está em casa, mas ainda em recuperação. "Sinto fraqueza e falta de apetite. Mas, fora isso, estou bem. Estou escrevendo: coronavírus não atingiu o cérebro", brincou.

Após 38 dias de hospital, ele mantém o raciocínio perspicaz. "Os médicos foram muito bons, mas acredito mais no médico lá de cima", disse o jurista, que é católico, acredita em Deus e no poder das orações.

Aos 85 anos e, portanto, pertencendo ao grupo de risco, Gandra relatou que nunca tinha vivido um drama pessoal tão grande. Apesar da fase difícil, ele se considera otimista. Acredita que, do

ponto de vista coletivo, a pandemia do novo coronavírus vai ser um momento de reflexão da humanidade. "Essa

é uma guerra mundial contra um inimigo invisível e, com solidariedade, será uma grande oportunidade para mudarmos a face da terra."

## NATÁLIA LEITE TÉCNICA DE ENFERMAGEM

■ No dia 25 de março, a técnica de enfermagem Natália Leite, de 35 anos, começou a ter sintomas de uma gripe normal: tosse, espirros e nariz escorrendo. Foi a uma UPA e o médico a diagnosticou com gripe, H1N1. Natália, que trabalha em um hospital público, foi afastada do serviço e começou o tratamento em casa.

Com o passar dos dias, o quadro piorou: veio a febre alta, que chegava 40 graus, perda de paladar, olfato e dor nos pulmões, como se tivessem sendo esmagados. Ela voltou ao médico, fez o teste e confirmou que estava com covid-19. "O sintoma é de uma gripe: quando tosse, dói os pulmões, achei que fosse morrer", contou.

No começo, ela não acreditou que estivesse com a doença, pois tomava todos os cuidados de higiene e no hospital onde trabalha cuida de uma ala isolada, onde estão pacientes sem relação com a pandemia.

Depois do diagnóstico, o médico recomendou que continuasse o tratamento em casa e só fosse ao hospital se tivesse falta de ar. Natália mandou o filho menor, de 4 anos, para a casa do pai, e ficou na companhia do filho maior, de 14. "No dia 9 vou refazer o teste para ver se o vírus foi embora."

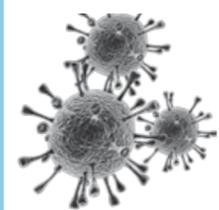
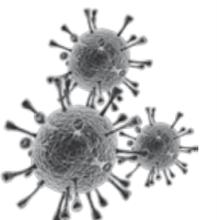
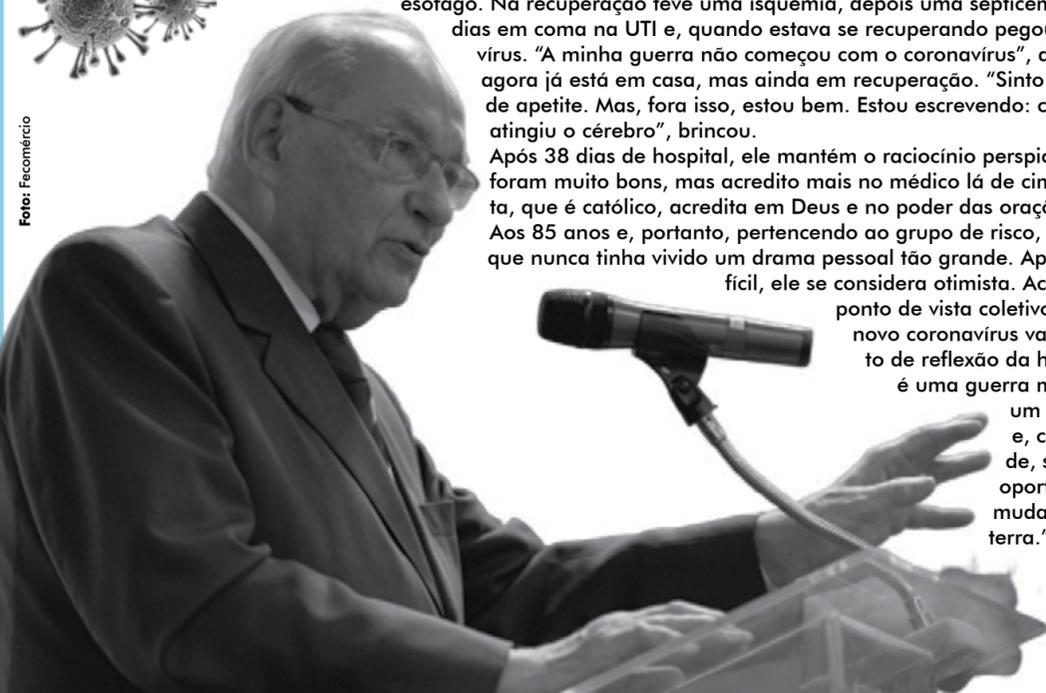


Foto: Fecomércio





**PONTOS TURÍSTICOS:**

- Praça do Mar – Jacumã
- Mirante da Barra - Barra de Gramame
- Mirante de Tabatinga – Tabatinga
- Mirante Dedo de Deus – Coqueirinho
- Castelo da Princesa - Coqueirinho
- Casa do Doce - Sítio Tambaba
- Casa de Taipa - Sítio Tambaba

A famosa praia de naturismo de Tambaba, que também possui um trecho para não adeptos da prática, é uma das muitas do município que atraem turistas de todo o Brasil e de outros países com seus cenários paradisíacos

# Conde oferece ao visitante belezas naturais e cultura

## Município localizado no Litoral Sul da Paraíba é famoso pelas lindas praias e vocação para o setor turístico

**Teresa Duarte**  
teresaduarte2@hotmail.com

O município do Conde, localizado no litoral sul da Paraíba, tem como ponto forte na economia a expansão da indústria e do setor turístico, sendo estas atividades as fontes de renda da maior parte da população local. Além das belezas naturais com praias de águas limpas e cristalinas, o Conde ocupa o segundo maior número de leitos do setor hoteleiro da Paraíba, perdendo apenas para João Pessoa. São mais de três mil leitos distribuídos em mais de 40 meios de hospedagem, entre hotéis e pousadas, gerando mais de mil empregos diretos.

Com a construção do Binário de Jacumã, resolveu-se o problema do trânsito no município, principalmente, no período da alta estação, quando aumentava o fluxo de turistas e veranistas. Até então, o trânsito era caótico, quase parado durante o período de Carnaval, quando se levava quase quatro horas para passar por dentro de Jacumã em direção às praias localizadas ao sul. Hoje o acesso as praias de Carapibus, Tabatinga I e II, Coqueirinho, Tambaba e Praia Bela é tranquilo com malha asfáltica de boa quali-

dade, além de uma bela paisagem durante o percurso.

Para a prefeita do município, Márcia Lucena, o Conde, apesar de ser relativamente jovem, tem uma história de ancestralidade muito forte e presente. “A força de sua identidade de sua história está marcadamente presente nos seus três quilombos, nas duas aldeias tabajaras, nos agricultores e agricultoras e nos pescadores, grupos que enriquecem o Conde culturalmente. A diversidade cultural, a luta por direitos deu ao povo do Conde características próprias e fez dele um povo de resistência e resiliência”, revelou.

São diversas ações realizadas que vem mudando totalmente o cenário urbano do município, em benefício ao crescimento econômico da região. Exemplos dessas iniciativas são: a Praça do Mar, que foi construída na antiga quadra de Jacumã, sendo hoje um complexo composto de 24 quiosques de alimentos, bebidas e artesanatos; bem como a Rua da Alegria e as pavimentações das vias de acessos às praias, como também a lateral de Coqueirinho e das demais praias, locais que antigamente tinham acesso mais difícil e ficavam intransitáveis quando chovia.



## Roteiros cheios de praias e trilhas ecológicas

A principal atração da praia de Coqueirinho é a beleza natural que proporciona diversos tipos de equipamentos ao lazer, a exemplo de bons restaurantes, passeios de caiaque, buggy, quadriciclo, bike e uma programação para conhecer diversos pontos turísticos. Se preferir aproveitar a gastronomia local, o visitante poderá desfrutar dos atrativos proporcionados pelos bares e restaurantes, descansando em redes, se refrescar nas águas do mar ou em piscinas, bem como se aventurar na tirolesa.

Fazer um passeio pela praia de Coqueirinho é muito prazeroso. O rico roteiro é composto pelos vários mirantes, canyon de Coqueirinho, Shopping Rural Tambaba, composto por diversas lojas e o Castelinho da Princesa, lugar belíssimo esculpido pela própria natureza. Outro passeio pode ser feito é um tour visitando todas as praias da Costa do Conde, sendo iniciado em Barra de Gramame, Praia do Amor, Jacumã, Carapibus, Tabatinga, Coqueirinho e Tambaba. Uma das cenas mais relaxan-

tes no município é o Mirante do Dedinho e as caminhadas ecológicas nas falésias da praia de Tambaba, conhecendo uma das maravilhas do Brasil, a famosa praia de naturismo. Na praia Tambaba o visitante mergulha nas histórias que o destino oferece. Se não quiser entrar na área destinada ao naturismo em Tambaba, há a opção de ficar no trecho da praia para os não praticantes. Ali, a pessoa pode aproveitar as águas mornas e as lindas piscinas naturais que se formam quando a maré está baixa.

## Opção para quem gosta de acompanhamentos

Para os admiradores da natureza o lugar ideal é o Camping Rota das Trilhas, local de fácil acesso, com trilhas de caiaque e caminhadas ecológicas. A ideia de implantação do camping surgiu quando os hoje empresários Silveira Filho e sua esposa Renata Ribeiro, que na época namoraram e acampavam bastante nas praias e hoje tinham receio de acampar por questão de segurança. Foi então que eles decidiram implantar o camping, que fica as margens do Rio Bucatú, onde

os empresários matem constantemente uma limpeza preservando a qualidade da água e da mata nativa que compõem o cenário do lugar. O camping dispõe de aluguel de barracas, banheiros, estacionamento, iluminação, pontos de energia, aluguel de caiaques, cozinha coletiva com todos os utensílios, várias árvores onde podem ser armadas redes e uma mesa central onde as pessoas costumam de reunir para jogar conversa fora e fazer suas refeições. O camping dispõem ainda

de sala de TV coletiva, trilha para caminhadas ecológicas, passeios de caiaques, local para fogueira e uma área reservada as pessoas que queiram se isolar no meio da mata.

### Pandemia

Como vem ocorrendo em diversos municípios paraibanos, a Prefeitura do Conde cancelou os festejos juninos de 2020 e os recursos que seriam investidos no evento serão revertidos nas ações de combate ao Covid-19 na região.



Colorida Rua da Alegria na praia de Jacumã é um das atrações da cidade



Shopping Rural Tambaba tem diversas lojas e o Castelinho da Princesa



O Mirante do Dedinho e o visual deslumbrante da costa do Conde



# Histórias de Pedro Poti e seus conflitos com os portugueses

Nascido na Baía da Traição, potiguara foi educado por holandeses e tornou-se importante aliado dos europeus na PB

**Hilton Gouvêa**  
hiltongouvearaujo@gmail.com

O ano de 2020 marca os 362 anos do nascimento de Pedro Poti, um valoroso e culto Potiguara de Baía da Traição, educado pelos holandeses calvinistas em Amsterdã e aliado deles quando retornou ao Brasil, na guerra contra os portugueses. Ele foi o primeiro mártir-cristão a morrer por sua causa – o Brasil governado pelos batavos – embora não seja reconhecido pela Igreja Católica, por não abjurar a religião reformista implantada por Calvino, para a qual se converteu na Holanda.

Culto e falando fluentemente o tupi, português, holandês, francês e espanhol, este índio foi preso pelos lusitanos, colocado em algemas e torturado. Morreu no porão do navio que o transportava para ser julgado em Lisboa. As cartas trocadas entre ele e seu primo Felipe Camarão (aliado dos portugueses), deixavam claro que cada um era fiel ao país que os ajudou.

Esses primos lideraram o rol índios líderes, marcados pela divisão entre os portugueses e holandeses, na luta pela posse de algumas áreas do Brasil. É por isso que, desde 1631, o nome de Pedro Poti consta nas correspondências e atas das sessões diárias do Conselho Ultramarino do Recife, sendo, no princípio, tratado como “capitão de uma tribo”.

Quando se reuniu em Itapessirica no ano de 1645, numa assembléia de todos os índios do Brasil Holandês, elegeram - no para o cargo de Regedor, isto é, capitão-mor ou governador dos índios da Parahyba, com as honras de general de brigada, pois as forças sob o seu comando equivaliam a um regimento, chamado trôço, pelos portugueses.

Desde 1631, o nome de Pedro Poti consta nas correspondências e atas das sessões diárias do Conselho Ultramarino do Recife

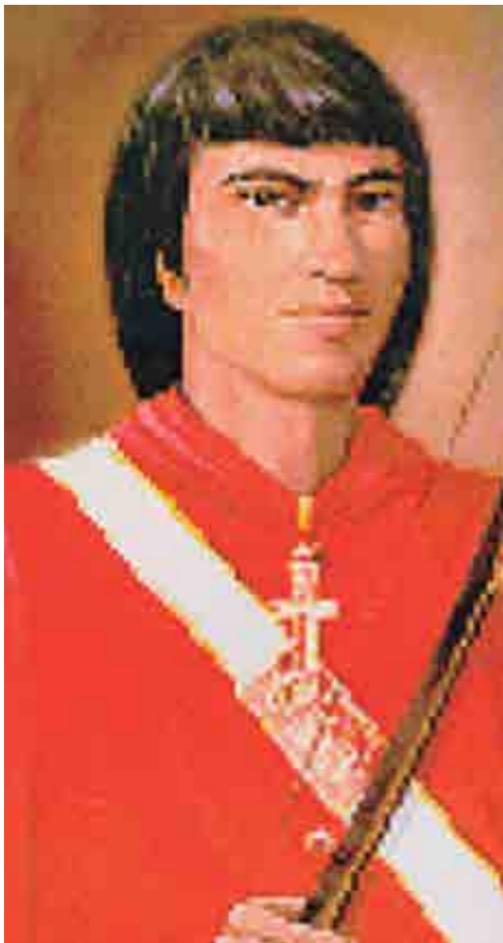
## Preso e torturado para abandonar sua fé

Este documento, traduzido do tupi para o holandês, acha-se na coletânea ‘Brieven en Papieren’, escrita no ano de 1646. É uma prova histórica que deixa transparecer o seguinte: Camarão sabia lidar com a pena, o mosquete (fuzil antigo do Século XVII), a espada, o arco e a flecha. Eis a missiva de Felipe Camarão aos índios que apoiavam os holandeses:

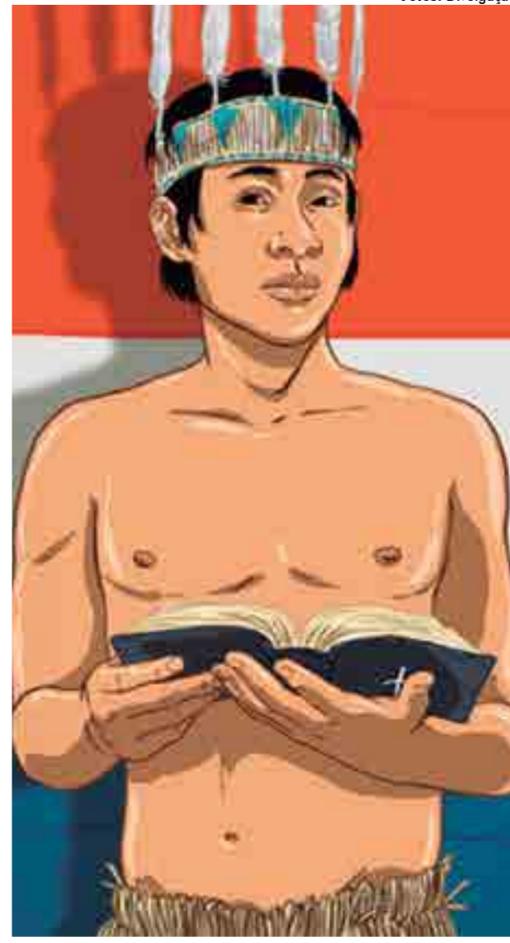
“Não posso deixar de cumprir as promessas e deveres contraídos com meus avós, isso é, de vos guardar assim como a todos os da nossa raça. Vim, portanto, da Bahia, afim de vos zelar e garantir, e ainda que tenhas procedido mal, tirar-vos das garras dos inimigos, desejando afastar-vos dele, pois o país nos pertence, e se vos conservardes ao seu lado, tereis por fim de ser atacados e aniquilados”

“Por esse motivo, meus amigos, ainda não quis desenvolver toda a minha força contra os holandeses, para vos poupar; e como a natureza obriga todos os animais a amarem os seus filhos e morrerem por eles, assim eu igualmente mostrarei e provarei o meu amor paterno por vós, empregando todos os esforços a fim de converter a vós meus verdadeiros patrícios”.

Pedro Poti caiu prisioneiro dos portugueses em 19 de fevereiro de 1649, na segunda Batalha dos Guararapes (Recife-PE). Tratado com aspereza



Poti morreu em pleno Oceano Atlântico, a bordo de um navio de guerra português, aos 44 anos, quando era conduzido do Brasil para Portugal



Fotos: Divulgação

pelos seus algozes, era sempre açoitado e sofreu toda espécie de tormentos, inclusive o de ser atirado preso, com ferros nos pés e mãos, a uma cela escura. De alimento, só recebia pão e água. Durante seis meses fazia ali mesmo as suas necessidades naturais.

A concessão: algumas vezes podia sair dali por uma ou mais horas (fortemente vigiado) para gozar a luz do sol.

No período em que passou preso, ele foi torturado para abandonar sua fé de novo protestante (calvinista) e adotar o catolicismo. Desta

forma levaria outros potiguaras a se dobrarem à religião e ao poder dos portugueses. Poty morreu em pleno Oceano Atlântico, a bordo de um navio de guerra português, em 1652, aos 44 anos, quando era conduzido do Brasil para ser julgado em Portugal.

## “Eu me envergonho da nossa família e nação”

No período da colonização, portugueses e holandeses também foram motivo de divisão entre índios. E tais divisões ganharam reconhecidos líderes. Um deles era Pedro Poti, parente próximo de Felipe Camarão, bastante citado nos livros didáticos de História do Brasil. Educado na Holanda, Pedro Poti tornou-se bem afeiçoado dos batavos e isso contrariava Felipe Camarão, aliado dos portugueses. Às várias car-

tas em tupi que Felipe e outros índios escreveram para Pedro Poti, procurando convencê-lo a passar para o lado lusitano, este respondeu em um só tom e na mesma língua, repelindo, indignado, às solicitações.

Eis alguns trechos da resposta de Pedro Poty a seu parente Felipe, e a outros que pretendiam retirá-lo da aliança com os holandeses:

“Eu me envergonho da

nossa família e nação ao ver-me induzido por tantas cartas vossas à traição e deslealdade, isto é, a abandonar os meus legítimos chefes (os holandeses), de quem tenho recebido tantos benefícios. Estou bem aqui e nada me falta; vivemos mais livremente do que qualquer de vós, que vos mantendes sob uma nação que nunca tratou de outra coisa senão nos escravizar. Jamais se ouviu dizer que tenham

escravizado algum índio ou mantido como tal, ou que hajam em qualquer tempo assassinado ou maltratado algum dos nossos.

Pedro Poti era natural da Baía da Traição (82 Km ao Norte de João Pessoa) e viveu em Amsterdã (capital cultural e comercial da Holanda) quando tinha entre 12 e 18 anos de idade, passando, depois do seu retorno ao Brasil, a combater os portugueses e a defender,

nesta terra, a parte litorânea do Nordeste que os batavos haviam conquistado: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Maranhão. Com vergonha do primo Pedro Poti, aliado dos holandeses, Felipe Camarão enviou um manifesto desafiante a todos os índios do arraial inimigo, incluindo aquele irmão de raça que não lhe valorizava, por manter-se leal aos portugueses.





Fotos: Arquivo

Escrever sobre filmes, ressaltar diretores, roteiristas e roteiros, como também apontar as melhores cenas e destacar o desempenho de atores fazia parte do seu enredo cotidiano. Falava sobre temas que se fizessem necessários, desde o cinema até a literatura

# Antônio Barreto Neto, o cinema no coração

Jose Nunes  
 jnunes48@hotmail.com

O jornalista Antônio Barreto Neto foi um apaixonado pelo cinema, fazendo desta paixão o patrimônio de seus conhecimentos. Escrever sobre filmes, ressaltar diretores, roteiristas e roteiros, como também apontar as melhores cenas e destacar o desempenho de atores fazia parte do seu enredo cotidiano.

Na redação ou nas salas de projeções aonde chegava, com seu andar de lá, o leve sorriso contagiando, pasta debaixo do braço carregada de anotações e livros, de preferência, sobre cinema, Barreto enchia o ambiente de luzes e alegria, apesar da sisudez.

Carregava consigo simplicidade em gestos e atitudes, raciocínio rápido e em qualquer situação mantinha a abrangência da amizade, fazendo grandes os pequenos assuntos e, com incontestáveis conhecimentos culturais, falava sobre temas que se fizessem necessário, desde o cinema até literatura, companhias da vida inteira.

## Vinte anos sem projeção na tela

No mês de março deste ano completou-se vinte anos da morte de Antônio Barreto Neto, jornalista e escritor que chegando à cidade de João Pessoa, carregava consigo o apego pelo cinema, e logo se aproximou do Jornalismo. Natural da cidade de Coremas, onde nasceu em 1938, com passagem por

Patos, ainda adolescente, até sai em busca de outros projetos.

Ocupou setores importantes na área de comunicação no governo, a exemplo de diretor da Rádio Tabajara e Jornal A União, inclusive neste centenário matutino conciliou as funções de redator, crítico de cinema e editor do suplemento agrícola Jornal da Terra, criado em setembro de 1983.

Destacou-se como crítico de cinema a partir de 1960 no jornal O Norte, escrevendo comentários sobre filmes, e depois em outros matutinos, épocas em que os jornais mantinham colunas diárias sobre a Sétima Arte. Como estudioso do cinema, Barreto se destacou pelo estilo impecável, refinado e apurada análise de filmes, abrindo o entendimento a

quem assistisse aos filmes. Como atestou Vladimir de Carvalho, "ele era excepcional". Comentar filmes para ele era ato prazeroso, que fazia com naturalidade e abnegação.

Natural da cidade de Coremas, onde nasceu em 1938, com passagem por Patos, ainda adolescente, até sair em busca de outros projetos. Ocupou setores importantes na área de comunicação no governo

## Escrevia com desenvoltura sobre todos os assuntos

Outro que reconheceu a força dele em escrever filmes, igualmente crítico de cinema, foi o professor João Batista de Brito (ilustração), para quem Antônio Barreto Neto não criava teoria para falar do cinema, nem atropelava o texto com terminologia técnica, mas usava a "linguagem sendo enuta, precisa, eficaz e o seu texto, estruturado de modo lógico, coerente, e, portanto, didático, permitia a nítida distinção entre todas aquelas etapas fundamentais à abordagem de um filme, a saber, a contextualização, a análise, a interpretação e o julgamento". Lembrou que sem nunca serem esquemáticos, os ensaios dele são dosados dessas etapas da leitura de um modo funcional, "equilibrado, muitas a depender do próprio filme, aliás, como deve ser".

Não era afeito a conceder entrevista, mas no ano de 1998, concordou conversar com o professor João Batista de Brito sobre sua atividade, de forma excepcional, para marcar os 60 anos de idade. Ele falou de sua trajetória de crítico cinematográfico, abordou os primeiros contatos com filmes e as leituras de jornais, quando ainda morava em Coremas, cidade onde nasceu, e depois em Patos.

Recordou que o cinema sempre lhe fascinou desde criança, sendo seu primeiro contato ocorrido em Coremas quando uns frades missionários projetaram "Cidadão Kane" (Orson Welles, 1941, EUA). Foi um deslumbramento para o menino. Nos finais de semana, outros filmes eram exibidos do lado de fora da igreja, sendo "A cruz de Lorena", em preto e branco, o que mais lhe chamou a atenção.

O contato com o primeiro jornal foi o Diário de Pernambuco, que o dono da mercearia emprestava para ler, cujas leituras o fascinava.



Indo residir em Patos, para onde a família se mudou, não perdia as matinées de domingo do Cine Eldorado. Estudava a noite e durante o dia trabalhava numa tipografia, portanto, estando em constante contato com a palavra escrita. O salário que recebia, gastava a metade em livros e revistas, entre as quais O Cruzeiro. No ano de 1957, veio residir em João

Pessoa e tomou conhecimento de coluna sobre cinema assinada por José Ramos em A União, depois Jurandy Barros passou a assinar os textos e, finalmente, Linduarte Noronha. Também acompanhava o que escrevia Geraldo Carvalho, Wills Leal e, às vezes, Geraldo Sobral em O Norte. Assim estava se familiarizando com o mundo da imprensa e, de modo especial, o que muito o fascinava, que era o cinema.

"Quando comecei a frequentar as sessões e debates no 'Cineclub Joao Pessoa', tive os primeiros contatos com publicações especializadas, entre elas um revista de crítica cinematográfica de Minas Gerais", comentou.

Sua chegada ao jornal A União possibilitou se aproximar de Linduarte Noronha, João Ramiro Melo, Vladimir Carvalho e Geraldo Carvalho. "Os papos com essa turma me deram régua e compasso para a aventura da crítica. A fimidez foi vencida por Vladimir, a quem eu costumava mostrar o que escrevia. Um dia, ele pegou um desses textos e levou para o Correio da Paraíba", recordou.

Quando substituiu Linduarte na coluna que escrevia na A União, enquanto este estava ausente durante viagem ao Rio de Janeiro, foi um passo importante para tomar gosto.

Por esta época, conheceu novos estudiosos do cinema, avançou com contato a outras publicações acerca desta arte.

"Jornalista competente e dedicado, Barreto Neto terminaria por galgar uma bem-sucedida carreira na área, atravessando todos os escalões da profissão, vindo a ocupar posições destacadas, como diretor ou editor geral. Mas claro, para meio mundo de cinéfilos paraibanos, é como crítico de cinema que seu nome se impõe à posterioridade", comentou João Batista.

### SOBRE SEUS CINEASTAS PREDILETOS

■ **Charles Chaplin**  
 "Levou-nos um símbolo de humanidade impecável, que haveremos de ter sempre ao nosso lado, ligado a nós por filamentos de ternura e participando, numa mistura de riso e entalço na garganta, de nossas privadas pantomimas".

■ **Frank Capra**  
 "Capra é, além de um grande artista, um grande humanista. Seu profundo sentimento do mundo, sua inabalável fé na bondade do homem, seu otimismo eufórico e bem humorado são atributos essenciais deste filme apólogo A Felicidade de São se Compra".

■ **Ingmar Bergman**  
 "Para o angustiado Bergman, a arte não tem mais nenhum poder, nenhuma possibilidade de influenciar a vida. Não é mais uma forma de conhecimento humano. É um universo irreal, abstrato, povoado de fantasmas".

■ **Pier Paolo Pasolini**  
 "Pasolini é um homem sensível ao fenômeno social e religioso no plano onde não é mais o estudioso que procura uma explicação, mas o artista que se deixa levar fascinado pelo assunto".

■ **Federico Fellini**  
 "Como legítimo poeta, Fellini reinventa a realidade ao sabor da fantasia".

■ **Glauber Rocha**  
 "Meus filmes formam um painel ideológico de intuições agudas e surpreendente senso profético, um universo aparentemente caótico, mas extraordinariamente lucido, no qual as contradições de nossa realidade".

## Admirador de grandes diretores, também vivia a literatura

O jornalista Evandro Nóbrega, que o conhecia desde Patos, ao tempo da juventude de ambos, lembrou Barreto Neto "era um jornalista de mancha, que evoluiu para o nível de escritor de superiores recursos e crítico de notável acuidade". Escrever sobre cinema foi sua vocação, sendo também um dos grandes redatores que passaram pelas redações dos jornais da Paraíba.

Evandro comentou que Barreto acumulava conhecimentos e a cada dia mais a enriquecia sua coluna sobre cinema, como espectador privilegiado de grandes diretores de cinema, também vivia uma segunda natureza, que era a literatura.

Outro que destacou o papel de Barreto Neto nos meios culturais foi Gonzaga Rodrigues, parceiros nas redações. "A par de sua interação com o cinema, ou acima disto, preexistia a cultura de fundo literário de Barreto.



Jornalista Evandro Nóbrega: "Escrever sobre cinema foi sua vocação, sendo também um dos grandes redatores"

Antes de se familiarizar com os principais elementos de filmes (visuais, dinâmicos, sonoros, rítmicos e tantos mais) acumulava fortuna literária", comentou.

"Era um leitor incansável das ações e dos segredos humanos que os pincéis de



Gonzaga: "A par de sua interação com o cinema, ou acima disto, preexistia a cultura de fundo literário de Barreto"

luz do cinema ainda estão a projetar. Não forjou seus fundamentos na fila do Plaza ou do cineminha de Coremas, se é que lá desfrutava desse prodígio. Formou-se a partir de algum recanto isolado e obscuro de biblioteca", escreveu Gonzaga.

### Tardias homenagens

Referência na crítica de cinema na Paraíba, que poderia ter se destacado em outros lugares do centro-sul do país se não fosse seu apego a terra onde nasceu, ele tem recebido poucas homenagens. Homenagens tardias, mas que, quando chegar, farão os jovens cinéfilos sentir como Barreto Neto tinha sendo apurado para falar de filmes.

No entanto, a Academia Paraibana de Cinema prestou uma merecida homenagem, inaugurando na Fundação Casa de José América a "Sala Antônio Barreto Neto", a 28 de dezembro de 2016, onde mensalmente são projetados filmes. Em 2010, por inspiração da diretoria de A União, para lembrar os dez anos de sua morte, foi editado o livro "Cinema por escrito", como a seleção de algumas de seus estudos críticos sobre filmes de sucesso que muito admirava.

## Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

## Fake News, "coopetição" e empoderamento dos jornalistas

Há algumas semanas, após o domingo ser atropelado por uma enxurrada de boatos sobre coronavírus, profissionais da Paraíba criaram um grupo no WhatsApp com o objetivo de combater "fake news". A iniciativa reúne profissionais dos mais diversos veículos ou instituições, sendo também uma forma de se valorizar a informação de qualidade, o apuro na cobertura, a importância de se ouvir os vários lados de uma história

O grupo nasceu pelas mãos de Meyri Gomes, gerente de Comunicação do Hospital Metropolitan Dom José Maria Pires, que puxou os colegas Carla Cristina, Priscila Andrade, Wanderson Fernandes e Geovanna Teixeira, todos da área de comunicação social, para ajudá-la a executar a ideia. Na ágora virtual recém-criada, uma boa surpresa: jornalistas que atuam em veículos concorrentes atuam de forma colaborativa.

Se antes os profissionais "corriam" de forma individual para tentar descobrir se tal assunto era

"fato ou fake", agora vivem uma nova dinâmica: compartilham no grupo o veredito de sua apuração sobre algo (texto/áudio/imagem) que viralizou nas redes sociais. O resultado? Economia de tempo e de energia, e menos estresse para os colegas. O uso dizer: percebo uma leve redução no compartilhamento de boatos também.

O grupo conta com pouco mais de 90 participantes, e seus integrantes utilizam a nova ferramenta como um repositório de conteúdo ou espaço para discussão sobre temas relacionados ao compartilhamento de notícias falsas. Há postagem de notas oficiais; links para pronunciamentos de autoridades; boletins de casos suspeitos ou confirmados da doença no Estado; lista de notícias apuradas por agências especializadas em fact-checking; artigos científicos etc. Profissionais da área de assessoria de imprensa/comunicação também abraçaram o projeto bem como professores ou pesquisadores que estudam a temática.



A experiência desenvolvida na Paraíba assemelha-se a um fenômeno estudado na academia: "coopetição" (sem o M mesmo). O termo aparece no modelo de convergência jornalística (*convergence continuum*, na expressão original) apresentado pelos pesquisadores Larry Dailey, Lori Demo e Mary Spillman em 2005. "Coopetition", em inglês, ocorre quando veículos ou agências de notícias tanto competem quanto colaboram entre si. Nesse nível de convergência, membros de meios de comunicação independentes compartilham informações e dados sobre algumas histórias em que estão trabalhando. Isso tanto ocorre com veículos de um mesmo grupo de mídia, como num arranjo empresarial que envolve sistemas de comunicação diferentes, traduzindo-se em um reordenamento no nível de concorrência.

Há ainda outro aspecto da "coope-

tição" que remete ao grupo criado na Paraíba. Dailey, Demo e Spillman lembram que, em muitos casos, empresas de um mesmo grupo de comunicação que ainda não aderiram ao modelo de convergência ampla aproveitam ocasiões especiais, como eleições, olimpíadas, desastres naturais e grandes acidentes, para desenvolver alguns projetos de convergência. A cobertura da pandemia de Covid-19, como se vê, enquadra-se aí perfeitamente.

No caso da Paraíba, é necessária uma observação: o grupo criado no WhatsApp para combater às notícias falsas não nasceu com a chancela institucional das empresas ou órgãos públicos onde os jornalistas atuam; trata-se de uma ação independente. A criação do grupo ocorreu de forma voluntária, com o propósito de tentar mitigar a proliferação de notícias falsas, orientar a população e valorizar a informação responsável. Como sua origem está relacionada a uma vontade dos próprios profissionais em levar à população o conteúdo correto e bem apurado, talvez funcione bem melhor do que se fosse algo imposto pelo topo da pirâmide de uma hierarquia empresarial. É também um processo de "empoderamento" dos jornalistas; um resgate do seu papel social e da sua importância para a comunidade. Palmas para seus criadores!

## Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

## O mundo não se acabou, falou José de Assis Valente

Nesta hora em que todos estão preocupados com a pandemia do novo corona vírus, é bom lembrar que, na Música popular Brasileira, já houve cantores e compositores da terrinha - a exemplo dos quatro baianos José de Assis Valente, Dorival Caymi, Josué de Barros e Raul Seixas -, que souberam dirigir mensagens musicais e de composição para erguer o moral do público de meio mundo, na efervescência da Primeira e Segunda Grande Guerra, no surgimento da gripe espanhola e no auge da ditadura militar.

Os dois conflitos mataram mais de 50 milhões de pessoas e igual número de vidas ceifou a famosa gripe, sendo cerca de 20 mil só no Rio de Janeiro. A Ditadura Militar, todos sabem como agiu. Porém, as músicas desses cavaleiros inimigos da fatalidade, tocaram fundo no instinto de conservação de cada um e fê-los reagir aos flagelos, sem desobediência às normas técnicas, médicas e científicas, que ensinavam o povo a evitar mortes e mutilações. Então, vamos em frente, desânimo zero e continuemos com a vida.

Na sua música O Dia Que a Terra Parou, Raul Gil foi até satírico - e por que não dizer profético? - ao aconselhar o povão a não sair às ruas e a ficar em casa, dando exemplos de que não deveria se expor, porque não haveria lucro para ninguém. Os exemplos eram simples: "a polícia não ia encontrar o ladrão na rua, que, por sua vez, não encontraria a quem roubar. Viram? Morreu entregue às drogas, mas nunca se intimidou com a morte que provém das aparentes situações de caos.

Dorival Caymmi, numa época - a década de 1940 - em que pescadores morriam em acidentes de navegação na Bahia, compôs Como é Doce Morrer no Mar e obteve um sucesso invejável Já Josué de Barros, gravou, em 1932, "O Preço da Liberdade", uma composição que criticava a discriminação da sociedade da época, que ainda demonstrava sentimentos escravagistas, mesmo que a abolição, imposta via Lei Áurea, tivesse ocorrido 44 anos antes. Muitos sofreram e não esmoreceram. Esses que acabei de falar passaram por períodos de guerra, desengano profissional, gripes exterminadoras e outros flagelos. E agüentaram de pé as pancadas na cabeça, até que a luz, de alguma forma, surgiu na vida deles, não importando o tipo de comportamento que individualmente levaram, optando por diversas extravagâncias. De qualquer forma foram vencedores e incentivadores dos que pensavam em nunca chegar lá.

Agora, vamos à incrível vida de José de Assis Valente. Apesar de constar entre os maiores compositores do Brasil, teve uma vida traumática. Mas não deixava transparecer isto profissionalmente e, como bom protético, exibia aquele largo sorriso de dentes fortes e brancos. Teve uma infância ruim - foi roubado dos pais, numa feira de Salvador -, sendo criado por estranhos, que só queriam explorar sua mão de obra juvenil.

Foi entregador de costuras, atendente de balcão e vendedor de jornais. Ria e incentivava os outros, mas vivia amargurado com a sua bissexualidade, nunca revelada a ninguém. Nem mesmo à



mulher com quem casou, Naidili Silva, que lhe deu uma filha. Visava atingir a felicidade e aconselhava bem a quem lhe revelava tendências fatalistas. O Dicionário Cravo Albin registra que Assis trabalhava até à exaustão. Aos sábados, fazia feira com sua patroa. Vagou com um circo pelo interior, no qual, entre outras coisas, cantava: "Vejam só \ Vejam só \ A roupa que há cem anos, já usava minha avó \ Veio a vez \ veio a vez \ De cada roupa dessas se fazer duas e três". Em Salvador, trabalhou como farmacêutico, fez cursos de desenho no Liceu de Artes e Ofícios e profissionalizou-se como especialista em prótese dentária. Transferiu-se para o Rio de Janeiro, em 1927 e empregou-se como protético. Em 1930, começou a compor sambas. A 13 de maio de 1941, no apogeu da carreira, o Rio de Janeiro surpreendeu-se com a notícia de que ele se jogara do Corcovado (710m de altura). Milagrosamente ficou preso a um galho de árvore, sendo resgatado pelo Corpo de Bombeiros. Salvo, moralmente prosseguiu em decadência. Seu nome foi, aos

poucos, esquecido. Paralelamente, a alegria d'alma de Valente era lembrada nas músicas de sua autoria que Carmen Miranda cantava. O jeito feminino e insinuante com que Carmem Miranda interpretava O Mundo Não se Acabou, casava bem com a letra do protético-compositor que, através dela esteve na crista do sucesso. Quando a cantora negou-se a gravar Brasil Pandeiro, Valente entregou-se à má sorte e passou a consumir cocaína.

A 10 de março de 1958, desesperado com sua situação financeira, resolveu suicidar-se. Deixou a casa em que morava, seguiu para o seu consultório na Cinelândia, onde permaneceu até cerca das 13h30. Às 15 h foi à Sbacem, uma arrecadadora de direitos autorais, para se informar de seus rendimentos. Estava tão nervoso que o tesoureiro da Sbacem, Joubert de Carvalho (o compositor de Maringá), deu-lhe um sedativo.

Às 16h30 telefonou para seu laboratório dando instruções aos empregados do que deveria ser feito após sua morte. Às 17h30 telefonou para seu editor, Vicente Vitale, e para o embaixador Pascoal Carlos Magno comunicando-lhes que iria se matar. Vitale ainda tentou ligar para a Polícia: era tarde. Exatamente às 17h55, oito dias antes de seu 47º aniversário, tomou formidica com guaraná, perto de um parque infantil.

### O MUNDO NÃO SE ACABOU

"Anunciaram e garantiram que o mundo ia se acabar / Por causa disso a minha gente lá de casa começou a rezar / E até disseram que o sol ia nascer antes da madrugada / Por causa disso nessa noite lá no morro não se fez batucada / Acreditei nessa conversa mole / Pensei que o mundo ia se acabar / E fui tratando de me despedir / E sem demora fui tratando de aproveitar / Bejei na boca de quem não devia / Peguei na mão de quem não conhecia / Dancei um samba em traje de máio / E tal do mundo não se acabou".

# MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



**Walter Ulysses** - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scoledicucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walthoulysses  
chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Reprodução/Internet



## Quem poderá nos ajudar?

**N**ão tem sido fácil esses dias de pandemia na área de gastronomia.

Sei que não era algo que ninguém esperava acontecer, e foram todos pegos de calças literalmente curtas. Vejo que muitos comerciantes não tinham a visão do e-commerce.

Mas o que seria isso?

O e-commerce (ou comércio eletrônico) é um modelo de comércio que se

utiliza da internet como meio de propagação e finalização da compra.

Pois é, muitas empresas e pequenos negócios não tinham suas plataformas de vendas nas redes sociais, e muitas delas não tinham nem redes sociais. Agora que o bicho pegou é que estão tentando entrar no seguimento e não está fácil.

Este colunista já recebeu muitas mensagens de empresas fechadas porque não conseguiram atingir o público

alvo, e outras que nem tentaram fazer um esforço.

Sei que não é fácil neste momento, mas vejo que muitos não esperaram o tempo da colheita do e-commerce.

Quem já estava só neste seguimento não teve problema algum, mas quem nunca aderiu a um meio que hoje em dia é tão normal, vai sofrer.

Neste momento, as medidas do Governo Federal foram nada, para manter a classe protegida, e os empregos garantidos. Contas a pagar, folha de pagamento, aluguel que muitos pagam... e o resultado financeiro vem a passos lentos e a empresa não dará conta só neste momento.

Sem falar que muitos já não estavam muito bem equilibrados de crises passadas, era o momento de tentar respirar agora. Quem trabalha no ramo da gastronomia tem que ter muito amor ao que faz, mas só o amor não toca o a empresa sem faturamento de fechar o mês.

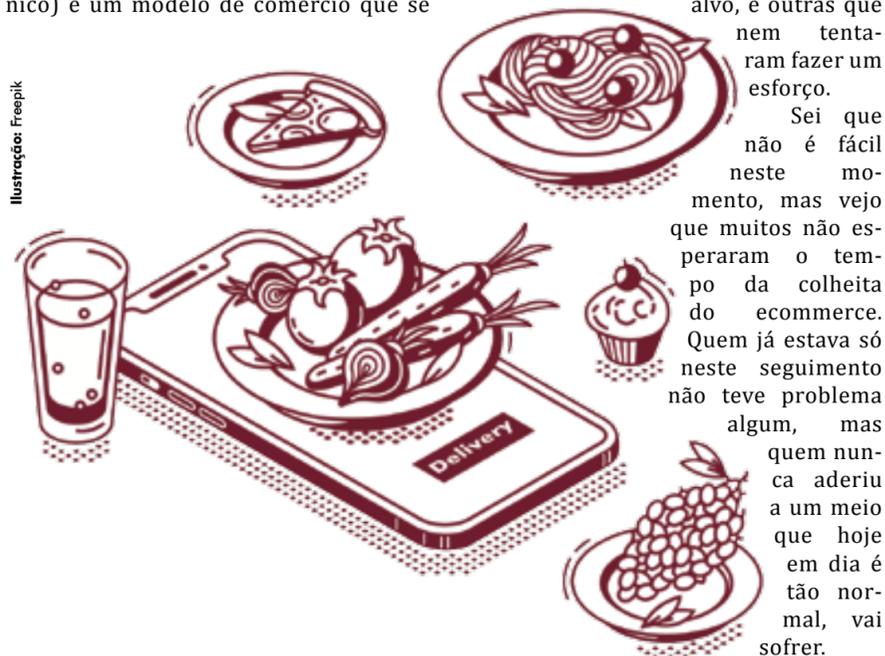
Pela minha experiência de visão de mercado, já existem 80% delas na UTI. Isso significa que: se não houver uma mão santa para abrir portas de financiamentos, linhas de créditos, ajudas financeiras, diminuições de cargas tributárias, elas vão falecer e tudo mudará para pior.

A melhor maneira deste vírus não disseminar é FICAR EM CASA. A OMS relata tudo isso e é o correto, mas o Governo Federal tem que arrumar uma saída de emergência urgente.

A cultura da gastronomia econômica e seus trabalhadores necessitam para sobreviver a todo este vírus que não é uma gripezinha nem aqui e muito menos na China.

Fique em casa e o e-commerce vai até vocês!

Ilustração: Freepik



## PRATO DO DIA

### Bacalhau de Páscoa

#### Ingredientes

- 1 kg de bacalhau
- 1 litro de leite
- 4 batatas cozidas em rodelas
- 2 cebolas em rodelas
- 2 dentes de alho picados
- 1 xícara de azeite
- Azeitona preta sem caroço a gosto
- Brócolis cozidos a gosto
- 1 litro de água

#### Modo de preparo

Após dessalgar o bacalhau deixe-o de molho por 6 horas no leite, retire do leite.

Aqueça o leite até ferver. Desligue o fogo e mergulhe o bacalhau por 20 minutos. Aqueça 1 litro de água. Coloque o azeite. Cozinhe as batatas e a cebola por 20 minutos.

Retire o bacalhau do leite e lave levemente. Coloque junto com as batatas e as cebolas cozinhe por 5 minutos. Sirva com brócolis cozidos, ovos cozidos e alho torrado e arroz branco.



Foto: Arquivo pessoal



## QUENTINHAS

- A Grand Cru está com delivery grátis de vinhos e nada melhor para quem está em casa evitando o convívio social. É uma mão na roda. Basta ligar, fazer sua escolha e eles deixam em sua casa.

- O Restaurante Família Franco (Divina Itália), que é um restaurante quem não precisa de muitas apresentações, está com um cardápio de entrega na sua casa. E segue durante toda a semana. O Instagram @familiafrancojp

- A Sonho Doce aproveitou esse momento que muitos estão em isolamento e está com sua loja para servir você em casa. Tem muitos combos e kits de festas. Além de todo seu serviço de doceria, tortas, salgados, hamburguers e claro que não poderia esquecer o delicioso salpicão! O Instagram @sonhodoce

- Quem é do ramo de gastronomia e tem Instagram tem que conhecer uma plataforma que é uma mão na roda para sua empresa. O nome dela é Bootzap. Com ela você atende mais rápido seu cliente, recebe mais pedidos e reduz custos no processo de seu delivery. O Instagram @bootzap

- O Restaurante Shape, que fica localizado na academia Korpus, está com novo horário de entrega delivery. Com o cardápio focado na alimentação saudável o restaurante está fazendo entrega de quarta a domingo das 11h às 20h. Não tem mais desculpas de não se alimentar bem. O Instagram é @shape.vivendomelho

- Nós queremos salvar vidas, e você?

Quarta-feira foi realizado uma ação aqui em João Pessoa, em meio a quarentena, que nos deixou com o coração cheio de gratidão. A doação de 500 lanches para moradores de rua e para os mais necessitados, feita por Carlos Jr Lanches (@carlosjrlanches) e pelos parceiros: @padaria\_unipao @sudipel @qualigas\_gas\_industrial @copyworkpb @ultra.distribuidora @supermercadodalimpeza @luizamoreiraf @camilafva @walthoulysses @haryanne @aquitemjampa Para provar que: #JuntosSomosMaisFortes

## PITADAS A GOSTO

Mundialmente apreciado, a história do bacalhau é milenar.

Existem registros de existirem fábricas para processamento do Bacalhau na Islândia e na Noruega no Século IX. Os Vikings são considerados os pioneiros na descoberta do cod gadus morhua, espécie que era farta nos mares que navegavam.